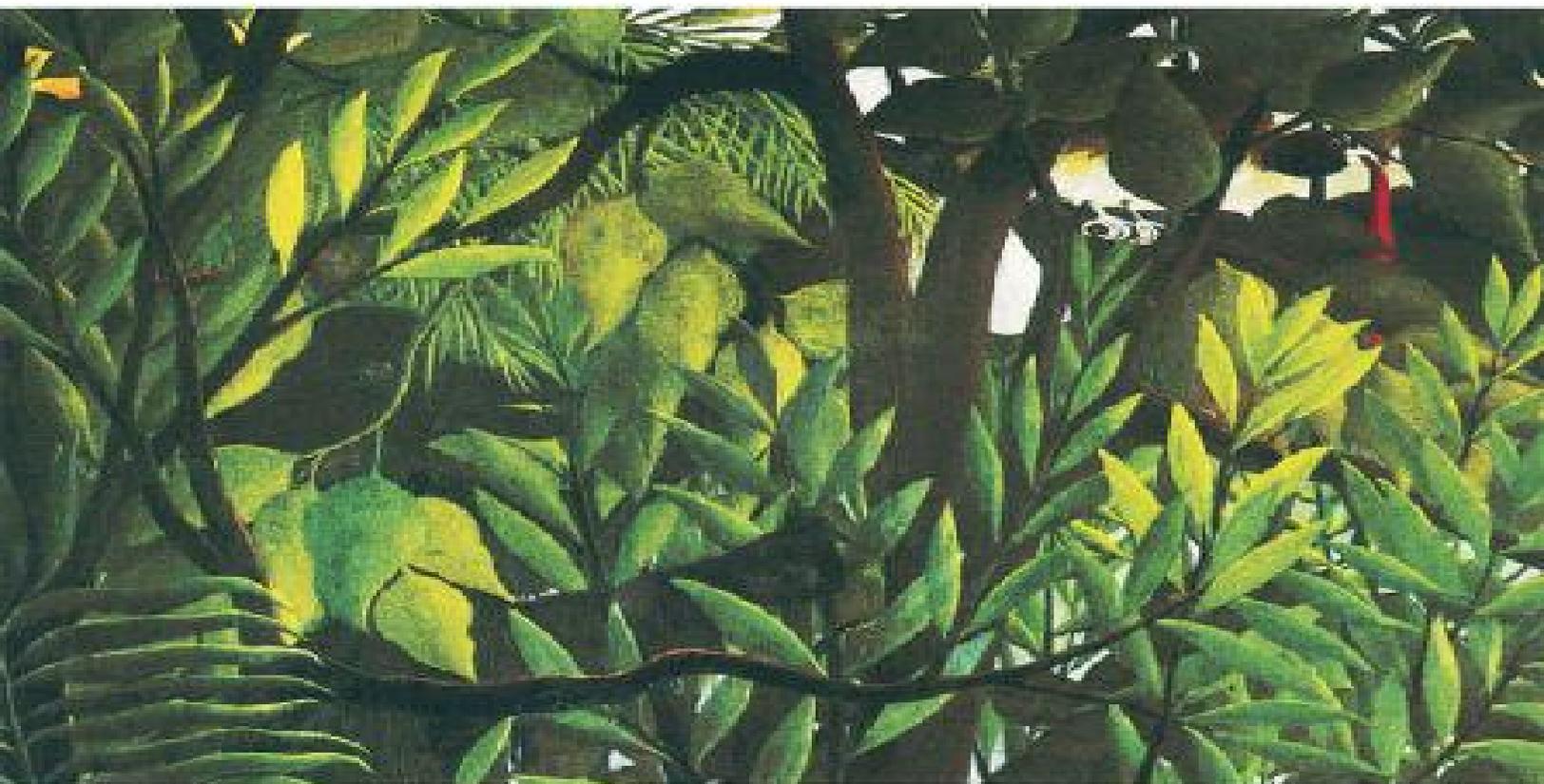


William Burroughs & Allen Ginsberg

Cartas do yage



“Querido Allen,
Ontem à noite tomei o resto da mistura do yage.
Eis o que aconteceu: (...) O quarto parece sacudir
e vibrar. O passado desconhecido e o futuro
emergente se encontram num zumbido
vibrante e sem som.”

(W. B.)

L&PM
POCKET

PLUS

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

William Burroughs
&
Allen Ginsberg

Cartas do yage

Tradução de BETTINA BECKER

Posfácio de EDUARDO BUENO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

WILLIAM BURROUGHS

(1914-1997)

WILLIAM S. BURROUGHS nasceu em 1914, em St. Louis, Estados Unidos. Na década de 40 mudou-se para Nova York, onde iniciaria sua carreira literária e faria amizade com Jack Kerouac e Allen Ginsberg, entre outros escritores *beat*. Teve inúmeras experiências com alucinógenos: foi viciado em diversas drogas, incluindo morfina, e por vezes traficou narcóticos (e foi preso por isso). Em 1951, matou sua mulher em um acidente com uma arma de fogo, o que ele próprio mais tarde reputou como experiência definidora para sua carreira de escritor. Escreveu os romances autobiográficos *Junky* (1953, publicado sob o pseudônimo de William Lee), em que explora suas experiências com a heroína; *Queer* (escrito na primeira metade da década de 50, mas publicado apenas em 1985), sobre o homossexualismo; e *Naked Lunch* (Almoço nu). Este último é muito mais radical em suas inovações estilísticas e foi publicado primeiramente na França, em 1959. *The Yage Letters* (Cartas do yage), de 1963, traz a correspondência mantida com Ginsberg enquanto Burroughs viajava pela América do Sul na busca do yage, também conhecido como ayahuasca.

Após uma temporada na Europa, Burroughs voltou para Nova York no início da década de 70, onde passou a lecionar e conviver com intelectuais e artistas como Andy Warhol e Susan Sontag. Na década de 80, era visto como um gigante contracultural: tanto sua personalidade quanto sua obra viraram referências. No final da vida, mudou-se para Lawrence (Kansas), onde morreu, em agosto de 1997. É autor, também, da trilogia *Cities of Red Night*, *The Place of Dead Roads* e *The Western*

Lands, entre outros livros. Ele amava gatos. *The Cat Inside* (*O gato por dentro*, L&PM Pocket, 2006) foi primeiramente publicado em uma edição limitada, com desenhos de Brion Gysin.

ALLEN GINSBERG

(1926-1997)

ALLEN GINSBERG nasceu em Newark (New Jersey), no dia 3 de junho de 1926, filho de um professor e também poeta e de uma fervorosa militante comunista. Na adolescência, já admirava a poesia de Walt Whitman. Entrou para a Columbia University em 1940 e passou a colaborar com publicações universitárias. Nessa mesma época, conheceu Lucien Carr, que o apresentou a William Burroughs, Jack Kerouac e Neal Cassady, por quem se apaixonaria. Também em Nova York conheceu Gregory Corso, que se tornaria um grande amigo e colaborador.

Em 1954, mudou-se para San Francisco, onde começou a participar da cena cultural local. No dia 7 de outubro de 1955, Ginsberg organizou o The Six Gallery Reading, evento no qual realizou a primeira leitura pública do seu poema *Uivo* e que entraria para a história como o início da Geração Beat. Em 1956, a City Lights - editora do poeta Lawrence Ferlinghetti - publicou *Howl and Other Poems (Uivo e outros poemas, L&PM Pocket, 2005)*, mas o livro logo foi censurado por obscenidade e tirado de circulação. Após um tumultuado processo, foi finalmente liberado, e *Uivo* se tornou um dos poemas mais lidos do século.

Nas décadas de 1960 e 1970, Ginsberg se aprofundou no estudo do budismo, iniciando uma jornada espiritual que se estenderia até o final da vida. Se envolveu em inúmeras atividades políticas, incluindo protestos contra a Guerra do Vietnã. Lutou igualmente pelo reconhecimento dos direitos dos homossexuais e pela legalização da maconha. Ginsberg publicou diversas antologias de poesia, incluindo *Kaddish and Other Poems*

(1961), *Planet News* (1969) e *A queda da América* (1973; L&PM Editores, 1987), que ganhou o National Book Award.

Em 1993, Ginsberg foi condecorado com o título de Chevalier des Arts et des Lettres do Ministério da Cultura da França. Morreu no dia 5 de abril de 1997, em decorrência de uma hepatite, em Nova York.

NOTA DOS EDITORES

Nas páginas finais de seu atormentado relato, *Junkye*, William Burroughs diz: “Andei lendo sobre uma droga chamada yage, usada pelos índios da nascente do Amazonas. Dizem que ela aumenta a sensibilidade telepática. Portanto, resolvi me mandar pra Colômbia em busca do puro barato que expande a mente, ao contrário da heroína, que a estreita. Talvez eu descubra no yage o que andava procurando na heroína, na maconha, na coca. Yage talvez me dê o barato definitivo.”

Cartas do yage constitui a narrativa dessa viagem que Burroughs anunciava. Entre ruas enlameadas de vilarejos encravados na selva, penetrando na mata virgem, contaminado pela malária, enfrentando a corrupção policial e a má vontade dos nativos, Burroughs finalmente consegue participar de uma sessão ritual e viaja com o yage. Seu relato espantoso é enviado para Ginsberg, então um jovem e desconhecido poeta de Nova York.

Novela epistolar, *Cartas do yage* contém as sementes de *Naked Lunch*, a grandiosa fantasia burroughsiana. Sete anos mais tarde, o próprio Ginsberg viria à América do Sul em busca do yage, que define como sendo uma “droga telepática-alucinógena-expansora-da-mente”. Aterrorizado, Allen descreve suas próprias visões e pede auxílio e conselhos ao guru Bill. A misteriosa resposta de Burroughs lhe é enviada. O livro é concluído por dois epílogos: uma pequena nota de Ginsberg depois de seu retorno do Oriente e um *cut-up* derradeiro e poético de Burroughs: “Estou morrendo, Mister?”

Cartas do yage

EM BUSCA DO YAGE (1953)

15 de janeiro de 1953
Hotel Colon, Panamá

Querido Allen:

Parei aqui pra deixar minha grana. Achei que não podia voltar pro meio dos índios com a grana em cima.

Bill Gaines estava na cidade e havia arrasado a República do Panamá, de Las Palmas a Dadiv, com o paregórico. Dava pra comprar 120 gramas em qualquer farmácia. Agora, os farmacêuticos estão intratáveis, e a Câmara dos Deputados estava pra aprovar uma lei especial contra Gaines quando ele desistiu e voltou pro México. Eu estava saindo duma fissura de heroína e ele não parava de me incomodar perguntando por que eu me iludia, já que: “uma vez *junkie* sempre *junkie*”. Se eu parasse de me picar, me tornaria um bêbado relaxado ou ficaria louco de tanto cheirar cocaína.

Uma noite me embebedei, comprei um pouco de paregórico e ele não parava de dizer todo o tempo: “Eu sabia que você voltaria para o paregórico. Eu sabia. Você será um *junkie* o resto da sua vida”, e me olhava com seu sorrisinho de gato. A droga é uma causa para ele.

Baixei hospital fissurado e fiquei lá quatro dias. Eles me deram três injeções de morfina, eu não conseguia dormir de dor, calor e privação, e além disso havia um caso de hérnia panamenha no mesmo quarto, e seus amigos vieram e ficaram todo o dia e metade da noite - na verdade, um deles ficou até a meia-noite.

Lembro-me de cruzar com umas americanas no corredor, elas tinham cara de esposas-de-oficiais. Uma dizia: “Não sei por quê, não consigo comer doces”.

“A senhora é diabética”, eu disse. Todas se voltaram e me lançaram um olhar indignado.

Depois de sair do hospital, fui à Embaixada Americana. Em frente à embaixada, há um terreno baldio com arbustos e árvores onde os garotos se despem para nadar nas águas poluídas da baía-lar de uma pequena cobra venenosa do mar. Cheiro de merda, água do mar e jovem sensualidade masculina. Nenhuma carta. Parei outra vez para comprar cinqüenta gramas de paregórico. Velho Panamá. Putas, gigolôs e pivetes.

“Quer uma garota bonita?”

“Dançarina nua?”

“Me ver fodendo minha irmã?”

Não se admira que o preço da comida esteja alto. É impossível mantê-los no campo. Todos querem vir para a cidade grande e ser gigolôs.

Eu tinha um artigo de revista que descrevia uma espelunca nos arredores da cidade do Panamá chamada Ganso Azul. “Uma espelunca onde tudo é possível. Traficantes de drogas escondem-se no banheiro masculino com uma seringa carregada e pronta para disparar. Às vezes, voam de um sanitário e espetam no teu braço sem esperar consentimento. Homossexuais fazem orgias.”

O Ganso Azul parece um bar de beira-de-estrada da época da Lei Seca. Um longo prédio de um só piso, deteriorado e coberto de trepadeiras. Eu podia ouvir os sapos coaxando no mato e nos pântanos ao redor. Fora, uns poucos carros estacionados; dentro, uma opaca luz azulada. Me lembro de um bar de beira-de-estrada da era da Lei Seca na minha adolescência e o gosto de gim Rickey's num verão do meio-oeste. (Ah, meu Deus! E a lua de agosto no céu violeta e o pau de Billy Bradschinkel. Como se pode ser tão decadente?)

Imediatamente, duas putas velhas sentaram na minha mesa sem que ninguém as convidasse e pediram bebida.

A conta duma rodada foi seis dólares e noventa. A única coisa escondida no banheiro masculino era um faxineiro de uma exigência insolente. Posso acrescentar que, longe de fazer orgias no Panamá, nunca consegui descolar um garoto lá. Me pergunto como deve ser um garoto panamenho. Provavelmente magro e com músculos definidos. Quando dizem que tudo é possível, referem-se à espelunca, e não aos fregueses.

Encontrei meu velho amigo Jones, o motorista de táxi, e comprei um pouco de C dele. Quase me sufoquei tentando cheirar o suficiente dessa merda para me levantar. Isto é Panamá. Não me surpreenderia que cortassem as putas com uma esponja de borracha.

Os panamenhos são o povo mais ordinário do hemisfério - se bem que os venezuelanos poderiam competir -, mas nunca encontrei um grupo de cidadãos que me deprimisse mais do que os caras do Serviço Civil da Zona do Canal. Não se consegue entrar em contato com os funcionários civis em nível de intuição e empatia. Eles não têm receptor e são lacônicos como uma pilha gasta. Deve ser uma onda cerebral especial de baixa frequência.

Os homens do Serviço Civil não parecem jovens. Não têm entusiasmo nem assunto. Na verdade, evitam a companhia dos civis. O único elemento com que tenho contato aqui no Panamá são os *hipsters* negros e que estão se vendendo nas ruas.

Amor,
Bill

P.S.: Billy Bradschinkel passou a ser tão incômodo que finalmente tive de matá-lo.

A primeira vez foi no meu Ford modelo A, depois do baile de primavera da escola. Billy com as calças pelos calcanhares e sem tirar a camisa do *smoking*, e porra por todo o assento do carro. Mais tarde, segurei seu braço

enquanto ele vomitava nos faróis do carro, com seu belo cabelo loiro desgrenhado dando-lhe um ar jovem e petulante, de pé no vento cálido da primavera. Então voltamos para dentro do carro, apagamos as luzes e eu disse:

“Vamos de novo.”

E ele disse: “Não, não deveríamos.”

E eu disse: “Por que não?”, e ele já estava excitado também, fizemos de novo, e eu deslizei minhas mãos por suas costas, por baixo da camisa do *smoking*, e segurei-o junto a mim e senti os longos pêlos de bebê de seu rosto suave contra o meu e ele foi dormir assim. Estava amanhecendo quando voltamos para casa.

Depois disso, no carro muitas vezes e uma vez que sua família estava fora, tiramos toda nossa roupa e observei-o dormindo como um bebê, com sua boca levemente aberta.

Naquele verão Billy pegou tifo e fui visitá-lo todos os dias, sua mãe me deu limonada e, uma vez, seu pai me deu uma garrafa de cerveja e um cigarro. Quando Billy ficou melhor, íamos ao lago Creve Coeur, alugávamos um barco, pescávamos e deitávamos no fundo do barco, abraçados, sem fazer nada. Um sábado, exploramos uma velha pedreira, encontramos uma caverna e tiramos nossas calças na escuridão bolorenta.

Lembro-me que a última vez que vi Billy foi em outubro daquele ano. Um daqueles brilhantes dias azuis que se vê nas Ozarks, no outono. Tínhamos ido de carro ao campo para caçar esquilos com minha 22 de um só tiro, e caminhamos pelo mato de outono sem ver nada para caçar. Billy estava silencioso e soturno, sentamos num tronco, Billy olhou para seus sapatos e disse que não poderia me ver outra vez. (Observe que estou te poupando da queda das folhas.)

“Mas por que, Billy? Por quê?”

“Bom, se você não sabe, não posso explicar. Vamos voltar para o carro.”

Fizemos o caminho de volta em silêncio e, quando chegamos à sua casa, ele abriu a porta e saiu. Olhou-me por um segundo como se fosse dizer algo e então voltou-se abruptamente e seguiu o caminho calçado até a casa. Fiquei ali sentado por um momento, olhando a porta fechada. Então fui para casa me sentindo entorpecido. Quando o carro parou na garagem, apoiei minha cabeça no volante, soluçando e esfregando meu rosto contra os raios de aço. Finalmente, minha mãe perguntou da janela do andar de cima se havia algo errado e por que eu não entrava em casa. Limpei as lágrimas do rosto, entrei e disse que estava doente e subi para me deitar. Minha mãe trouxe uma xícara de leite e torradas, mas não consegui comer e chorei a noite inteira.

Depois disso, telefonei para Billy várias vezes, mas ele sempre desligava quando ouvia minha voz. Escrevi-lhe uma longa carta que ele nunca respondeu.

Três meses mais tarde, quando li no jornal que ele tinha morrido num acidente de carro, minha mãe disse:

“Ah, esse é o garoto Bradschinkel. Vocês eram muito amigos, não?”

“Sim, mãe” eu disse, sem sentir absolutamente nada.

E com isso consegui um silo cheio de milho vulgar, de onde ele brota. Outro papo: um homem que fabrica memórias para vender. Do tipo que você quiser, e ele garante que você acreditará que tudo aconteceu exatamente daquela maneira. (Na realidade, foi assim que me vendi a Billy Bradschinkel.) Uma linha do Morfeu japonês fornece o tema musical da história: “Apenas um homem de segunda mão trocando sonhos novos por velhos”. Ah, que diabo! Dê para Truman Capote!

Mais um pouco de reminiscência, mas genuína. Todos os domingos, no almoço, minha avó desenterrava seu

irmão, morto há cinqüenta anos ao enganchar sua espingarda numa cerca, explodindo os pulmões.

- Sempre me lembrarei do meu irmão, um garoto adorável. Detesto ver garotos com armas.

Assim, todos os domingos no almoço estava o garoto caído junto à cerca de madeira, sobre a argila vermelha da Georgia, o sangue penetrando nos restolhos do inverno.

E a pobre sra. Collins esperando suas cataratas amadurecerem para poder operar seu olho. Ah, Deus! O almoço de domingo em Cincinatti!

25 de janeiro de 1953
Hotel Mulvo Regis,
Bogotá

Querido Al:

Bogotá está num planalto cercado de montanhas. O pasto da savana é de um verde brilhante, e aqui e ali erguem-se monolitos pré-colombianos de pedra negra sobre a grama. Uma cidade de aspecto melancólico e sombrio. Meu quarto de hotel é um cubículo sem janelas (janelas são um luxo na América do Sul), com tabiques verdes de madeira e uma cama muito pequena.

Fiquei sentado na cama por algum tempo, paralisado pela fissura. Então, saí no ar frio e rarefeito para tomar algo, dando graças a Deus por não ter chegado nesta cidade na ressaca da droga. Tomei alguns drinques e voltei para o hotel onde um garçom feio e afeminado me serviu uma refeição indiferente.

No dia seguinte fui à universidade para conseguir informações sobre o yage. Todas as ciências estão amontoadas no Instituto. É um prédio de tijolos à vista, corredores empoeirados, escritórios não-identificados

fechados. Passei por cima de caixotes, animais empalhados e estampas de botânica. Esses artigos são continuamente mudados de sala sem nenhuma razão aparente. Pessoas correm dos escritórios e reclamam algum objeto da pilha no vestíbulo e levam-no de volta a seus escritórios. Os porteiros sentam entre caixotes fumando e chamando a todos de “doutor”.

Numa ampla e poeirenta sala de espécies vegetais e cheiro de formol, vi um homem procurando por algo que não conseguia encontrar, com um ar de refinado aborrecimento. Ele percebeu meu olhar.

- Bom, o que eles fizeram com os meus exemplares de cacau? Era uma espécie rara de cacau selvagem. E o que este condor empalhado está fazendo na minha mesa?

O homem tinha uma cara delgada e refinada, óculos de aro metálico, casaco de *tweed* e calças de flanela escura. Boston e Harvard, sem dúvida. Apresentou-se como dr. Schindler. Estava relacionado com a Comissão Agrícola americana.

Perguntei sobre o yage. “Ah, sim. Temos exemplares aqui. Venha e eu lhe mostro”, disse, dando uma última olhada à procura do seu cacau. Mostrou-me um exemplar seco da trepadeira do yage, que parecia um tipo de planta bem pouco diferenciável. Sim, ele a tinha tomado. “Vi cores, mas não tive visões.”

Ele me disse exatamente o que eu precisaria para a viagem, aonde ir e com quem contatar. Perguntei-lhe sobre o ângulo telepático. “Isso é tudo imaginação, é claro”, disse. Sugeriu o Putomayo como a área mais acessível para encontrar o yage.

Levei alguns dias para juntar minhas coisas e curtir a capital. Para a viagem na selva eu precisaria de remédios: soro antiofídico, penicilina, enteroviofórmio¹ e Aralen² são essenciais. Uma rede, um cobertor e uma sacola de borracha, chamada tula, para carregar as coisas.

Bogotá é alta, fria e chuvosa, um calafrio úmido que penetra como a fissura. Não há calefação em lugar nenhum e nunca se fica aquecido. Em Bogotá, mais do que em qualquer outra cidade que vi na América Latina, sente-se o peso morto da Espanha, sombrio e opressivo. Tudo o que é oficial leva a etiqueta "*made in Spain*".

Como sempre,
William

30 de janeiro
Hotel Niza, Pasto

Querido Allen:

Tomei o ônibus para Cáli porque o autoferro³ estava lotado por vários dias. Várias vezes a polícia revistou o ônibus e todos os passageiros. Eu tinha uma arma na minha bagagem, escondida sob os remédios, mas nessas paradas revistaram só a minha pessoa. Obviamente, quem levasse armas desviaria dos bloqueios policiais ou guardaria as armas onde esses ratos sujos não as procurariam.

Tudo o que conseguem com o sistema atual é incomodar os cidadãos. Nunca encontrei alguém na Colômbia que falasse bem da Polícia Nacional.

A Polícia Nacional é a guarda do palácio do Partido Conservador (no exército há uma boa percentagem de liberais e ele não é totalmente confiável). Ela (a PN) é o corpo de jovens mais unanimemente repugnante que já vi, meu querido. Parece ser o resultado final da radiação atômica. Há milhares desses jovens estranhos e rudes na Colômbia, e vi apenas um que considerarei aceitável e que parecia pouco à vontade em seu papel.

Se existe algo a dizer a favor dos conservadores, eu não ouvi. São uma minoria impopular de merdas asquerosos.

A estrada ia pelas trilhas das montanhas até a curiosa região de Tolima, no limite da zona de guerra. Árvores, planícies, rios e cada vez mais Polícia Nacional. A população inclui as pessoas mais lindas e mais feias que já vi. A maioria parece não ter mais nada a fazer senão contemplar o ônibus e os passageiros, especialmente o gringo. Eles ficavam me olhando até que eu sorrisse ou abanasse, então devolviam o predatório sorriso desdentado que saúda o americano por toda a América do Sul.

“Hello, mister, tem um cigarro?”

Numa cidade poeirenta e quente onde paramos para tomar café, vi um menino de delicados traços de cobre, de boca linda e macia e dentes separados nas gengivas vermelhas e brilhantes. O fino cabelo preto caía sobre seu rosto. Dele todo exalava uma doce inocência masculina.

Numa alfândega, encontrei um guarda nacional que tinha lutado na Coréia. Abriu a camisa para mostrar-me as cicatrizes na sua figura nada apetecível.

“Eu gosto de você”, ele disse.

Nunca me senti lisonjeando por essa afeição promíscua pelos americanos. É insultante à dignidade individual, e não se pode esperar nada de bom desses amantes de americanos.

No fim da tarde, comprei uma garrafa de conhaque e me embebedei no ônibus. Parei em Armênia e fui para Cáli de autoferro no dia seguinte.

Com uma vegetação semitropical de bambus, bananas e mamões, Cáli é uma cidade relativamente agradável, de bom clima. Não se sente tensão aqui. Cáli tem uma alta taxa de criminalidade não-política. Há até

arrombadores de cofre. (Criminosos de categoria são raros na América do Sul.)

Conheci alguns residentes americanos antigos que diziam que o país estava em estado catastrófico.

“Eles odeiam ver estrangeiro por aqui. Sabe por quê? Tudo por causa desse papo de Ponto Quatro⁴, política de boa vizinhança e ajuda financeira. Se você dá algo a essas pessoas, eles pensam: ‘Ah, então precisam de mim’. Quanto mais se dá a esses filhos-da-puta, mais desagradáveis se tornam.”

Tenho escutado esse papo de velhos residentes por toda a América do Sul. Não lhes ocorre que existe algo mais básico envolvido nisso tudo do que as atividades do Ponto Quatro. Como dizem os fãs de Pegler nos Estados Unidos: “O problema são os sindicatos”. Dirão isso mesmo quando estiverem cuspiendo sangue por efeito da radioatividade. Ou durante o processo de transformação em crustáceos.

A caminho de Popayan em autoferro. É uma tranqüila cidade universitária. Alguém me disse que o lugar era cheio de intelectuais, mas não vi nenhum. Uma hostilidade curiosa e negativa flutua ali. Caminhando pela praça principal, um homem esbarrou em mim sem se desculpar, com a cara inexpressiva, catatônica.

Estava tomando café num bar, quando um jovem de traços arcaicos judeu-assírios aproximou-se e começou com uma longa conversa sobre como ele gostava de estrangeiros e que gostaria de me pagar uma bebida, ou pelo menos meu café. À medida que ia falando, tornou-se óbvio que ele não gostava de estrangeiros e que não tinha a mínima intenção de me pagar uma bebida. Paguei o meu café e saí.

Em outro bar, um jogo de apostas, tipo bingo, estava em andamento. Entrou um homem emitindo grunhidos curiosos de hostilidade imbecil. Ninguém levantou os olhos de seu bingo.

Em frente ao correio havia cartazes do Partido Conservador. Um deles dizia: “Camponeses, o exército está lutando por seu bem-estar. O crime degrada o homem, que já não pode viver consigo mesmo. O trabalho eleva-o a Deus. Cooperem com a polícia e com os militares. *Eles precisam de sua informação.*” (O grifo é meu.)

É seu dever delatar as guerrilhas, trabalhar, conhecer o seu lugar e ouvir o padre. Que truque velho! É como tentar vender a ponte do Brooklyn. Poucas pessoas estão comprando. A maioria dos colombianos é liberal.

A Polícia Nacional se arrasta por todos os cantos, desajeitada e constrangida, esperando uma chance para atirar em alguém ou fazer qualquer coisa, menos ficar parada ali sob olhares hostis. Eles têm uma enorme caminhonete cinza que vaga pela cidade, sem um só preso.

Caminhei por uma estrada poeirenta. Campo ondulado com pasto verde, gado, ovelhas e pequenas fazendas. Uma vaca terrivelmente doente pára na estrada, coberta de poeira. Um altar na beira da estrada com tampa de vidro. Os cadavéricos róseos, azuis e amarelos da arte religiosa.

Vi um curta-metragem sobre um padre em Bogotá que dirige uma fábrica de tijolos e constrói casas para os operários. O curta mostra o padre acariciando os tijolos e dando tapinhas nas costas dos operários e, de maneira geral, usando o velho truque católico. Um homem magro de perturbados olhos neuróticos. Finalmente, dava o discurso esperado. Onde há progresso social, está a Igreja.

Seu discurso não tinha nada a ver com o que ele realmente estava dizendo. Não havia mal-entendido na neurótica hostilidade dos seus olhos, o medo e o ódio pela vida. Estava sentado lá, com seu uniforme negro, claramente se revelando o advogado da morte. Um

homem de negócios sem a motivação da avareza, atividade cancerosa, estéril e destruidora. Fanatismo sem fogo ou energia, exalando um odor bolorento de decadência espiritual. Tinha o aspecto doente e sujo – apesar de estar suficientemente limpo, acho – com um pequeno toque de dentes amarelos, cuecas sujas e problema de fígado psicossomático. Imagino como deve ser sua vida sexual.

Outro curta-metragem mostrava uma reunião do Partido Conservador. Todos pareciam congelados, uma crosta de gelo sobre o país. A platéia estava sentada em absoluto silêncio. Nenhum murmúrio de aprovação ou dissidência.

Nada. Propaganda descarada caindo no vazio de um silêncio mortal.

No dia seguinte, tornei um ônibus para Pasto. Chegar a esse lugar foi como levar um soco no estômago, pelo impacto físico de depressão e horror. Rodeado de altas montanhas. Ar rarefeito das alturas. Os habitantes espreitando de cabanas de teto de barro, os olhos vermelhos da fumaça. O hotel era excelente e administrado por um suíço. Perambulei pela cidade. Um populacho feio e esfarrapado. Quanto mais alto se vai, mais feias são as pessoas. É uma área de lepra. (A lepra na Colômbia prevalece nas montanhas, a tuberculose no litoral.) Parecia que todas as pessoas tinham lábio leporino, uma perna mais curta que a outra ou um olho cego e purulento.

Fui a uma cantina, bebi aguardente e rodei uma música montanhesa na *jukebox*. Há algo arcaico nessa música, estranhamente familiar, muito antigo e muito triste. Decididamente não é de origem espanhola, nem oriental. Música de pastores tocada num instrumento de bambu, tipo uma flauta de pá, pré-clássica, talvez etrusca. Escutei uma música semelhante nas montanhas da Albânia, onde linhagens pré-gregas, ilirianas, ainda

sobrevivem. Uma nostalgia filogenética transmitida por essa música – Atlântida?

Trabalhando atrás do balcão, vi o que primeiro me pareceu um garoto atraente de uns quatorze anos. (O lugar estava palidamente iluminado devido a uma falha no fornecimento de energia.) Ao aproximar-me do balcão para ver mais de perto, vi que sua cara era velha, seu corpo inchado com substância e água como um melão podre.

Um índio estava sentado na mesa ao lado, remexendo nos bolsos, com os dedos entorpecidos pelo álcool. Levou vários minutos para tirar umas notas amassadas – o que minha avó, uma violenta proibicionista, costumava chamar de “dinheiro sujo” –, surpreendeu meu olhar e deu um sorriso amarelo: “O que é que eu posso fazer?”

Num canto, um jovem índio bolinava uma puta, mulher horrorosa de expressão bestial e mal-humorada, com um sujo vestido rosa da profissão. Finalmente, ela se desvencilhou e saiu. O jovem índio olhou-a em silêncio e sem raiva. Foi até o bêbado, ajudou-o a levantar-se e saíram cambaleando juntos, com a triste e suave resignação do índio da montanha.

Tinha uma recomendação de Schindler para um alemão que dirigia uma fábrica de vinhos em Pasto. Encontrei-o numa sala cheia de livros, aquecida por duas estufas elétricas. O primeiro aquecimento que vi na Colômbia. Tinha uma cara magra e estragada, nariz afilado, boca curvada para baixo, uma boca de drogado. Estava muito doente. O coração estava mal, os rins mal, a pressão alta.

“E eu era forte como um touro”, queixou-se. “O que eu quero é voltar para a Clínica Mayo. Um médico daqui me deu uma injeção de iodo que afetou todo o meu metabolismo. Se como qualquer coisa com sal, meus pés incham assim.”

Sim, ele conhecia bem o Putomayo.⁵ Perguntei sobre o yage.

“Sim, mandei um pouco para Berlim. Fizeram testes e relataram que o efeito é idêntico ao do haxixe... há um inseto no Putomayo, esqueci do nome, semelhante a um grande gafanhoto, que é um afrodisíaco tão potente que se salta em ti e não consegues uma mulher imediatamente, morres. Vi-os correndo como loucos e masturbando-se pelo contato com esse animal... Eu tenho um guardado em álcool em algum lugar por aí... não, acho que perdi quando mudei para cá depois da guerra... outra coisa sobre a qual tenho tentado conseguir informações... uma trepadeira que ao ser mascada faz os dentes caírem.”

“Lance exato para fazer uma brincadeira com os amigos”, eu disse.

A empregada trouxe chá, pão alemão e manteiga doce numa bandeja.

“Odeio este lugar, mas que posso fazer? Tenho meus negócios aqui, minha mulher. Estou preso.”

Partirei daqui a alguns dias para Mocoa e Putomayo. Não vou escrever de lá, já que o correio além de Pasto não é confiável, depende principalmente do serviço voluntário de motoristas de ônibus e caminhão. Mais cartas são perdidas do que entregues. Essas pessoas não têm o menor senso de responsabilidade.

Como sempre,
Willy Lee

28 de fevereiro de 1953
Hotel Niza, Pasto

Querido Allen:

Voltando pra Bogotá sem nada em cima. Tenho sido enganado pelos curandeiros (o bêbado mais inveterado, mentiroso e ordinário da vila é invariavelmente o curandeiro), preso pela lei, roubado por um punquista local (pensei estar faturando um inocente cu no mato, mas o garoto já tinha ido para cama com seis americanos ligados ao petróleo, um botânico sueco, um frade capuchinho conhecido como Madre Superiora, um trotskista boliviano em fuga e sido fodido conjuntamente pela Comissão do Cacau e o Ponto Quatro). Finalmente caí prostrado pela malária. Relatarei os fatos mais ou menos cronologicamente.

Tomei um ônibus para Macoa, que é a capital do Putomayo e o final da estrada. Daí, vai-se de mula ou de canoa. Por alguma razão, essas cidades de fim de estrada são sempre pavorosas. Se alguém pensar em se equipar ali, verá que não encontrará nada do que precisa nas lojas. Nem mesmo erva-cidreira, e ninguém nessas cidades sabe nada sobre a selva.

Cheguei a Macoa tarde da noite e consumi um terrível refrigerante colombiano sob os olhares vacilantes de um tira da Nacional que não conseguia decidir se me interrogava ou não. Finalmente ele levantou, saiu, e eu fui para cama. A noite estava fria, como em Puyo, outra horrorosa cidade de fim de linha.

Quando acordei na manhã seguinte, comecei a sentir os tremores da fissura ainda na cama. Olhei pela janela. Ruas enlameadas, prédios de um andar, a maioria lojas. Nada de extraordinário, mas em toda minha experiência como viajante - e eu tenho visto lugares pavorosos - nenhum lugar me deprimiu tanto como Macoa. Não sei exatamente por quê.

Macoa tem ao redor de dois mil habitantes e sessenta policiais nacionais. Um deles anda todo o dia pelas

quatro ruas da cidade numa motocicleta. Pode-se ouvi-lo de qualquer lugar da cidade. Rádios com volume extra-alto em cada cantina fazem um terrível ruído discordante (não existem máquinas de música em Macoa para se ouvir o que quiser). A polícia tem uma banda de metais que desfila com grande estrépito três ou quatro vezes por dia, começando de madrugada. Nunca vi nenhum sinal de desordem na cidade, que está bem longe da zona de guerra. Mas há um ar irresoluto e insolúvel de tensão em Macoa, as agências de controle despendem um grande aparato para aplastar insurreições que não ocorrem. Macoa é o Fim-da-Linha. Um ponto final com um rato dando voltas e voltas na sua motocicleta por toda a eternidade.

Fui a Puerto Limon, que está a umas trinta milhas de Macoa. Dá para chegar a essa cidade de caminhão. Ali encontrei um índio inteligente e, dez minutos mais tarde, tinha a planta do yage. Mas o índio não a prepararia, pois isso é monopólio do Brujo (curandeiro).

Esse velho e bêbado trapaceiro estava cantarolando em torno de um homem evidentemente afetado pela malária. (Talvez estivesse tirando o mau espírito do paciente e passando-o para o gringo. O fato é que caí doente com malária duas semanas depois.) O Brujo me disse que tinha que estar meio bêbado para fazer sua bruxaria e curar pessoas. O elevado preço da bebida era um suplício para os enfermos, e ele estava funcionando com apenas dois cilindros quando a bebedeira era insuficiente. Comprei-lhe uma garrafa de aguardente e ele concordou em preparar o yage por mais um litro. Na realidade, preparou um litro de uma infusão de água fria depois de roubar metade da planta, de modo que não senti nenhum efeito.

Naquela noite tive um vívido sonho em cores da selva verde e de um pôr do sol vermelho que vi durante a tarde. Uma cidade complexa, familiar para mim, mas não

consegui localizá-la bem. Parte Nova York, parte Cidade do México, parte Lima, que eu ainda não havia visto. Estava parado numa esquina com carros passando e um enorme parque no fim da rua, à distância. Não sei dizer se esses sonhos tiveram alguma coisa a ver com o yage. Incidentalmente, supõe-se que se vê uma cidade ao se tomar yage.

Passei um dia na selva com um guia índio para sacar a floresta e coletar um pouco de yoka, uma erva que os índios usam para prevenir a fadiga e a fome durante as longas viagens pela selva. Na realidade, alguns a usam porque são muito preguiçosos para comer.

A floresta do Alto Amazonas tem menos coisas desagradáveis que os bosques do Meio-Oeste no verão. Moscas e mosquitos são as únicas pestes notáveis e se pode espantá-los com repelentes contra insetos. Eu não trazia nenhum comigo desta vez. Não peguei carrapatos ou piolhos no Putomayo. As árvores são gigantescas, algumas com sessenta metros de altura. Caminhando sob essas árvores sentia um silêncio especial, um zumbido vibrante e mudo. Cruzamos por correntes de águas claras (quem inventou esta história de que não se pode beber água da floresta? Por que não?).

O yoka cresce em um terreno alto, e levamos quatro horas para chegar lá. O índio cortou um galho de yoka e raspou um punhado da casca com um machete. Empapou-a com um pouco de água fria, espremeu a água e me alcançou a infusão numa taça de folha de palmeira. Era levemente amarga, mas não era desagradável. Em dez minutos, senti comichão nas mãos e uma ligadeira semelhante à da benzedrina, mas não tão tensa. Caminhei as quatro horas de volta pela trilha sem parar – e poderia ter andado o dobro.

Depois de uma semana em Puerto Limon, fui a Puerto Umbria de caminhão e até Puerto Assis de canoa. As canoas têm dez metros de comprimento e um motor de

popa. Esse é o método-padrão de viagem no Putomayo. Metade das vezes, os motores estão estragados. Isso acontece porque os desmontam e não recolocam as peças que não consideram essenciais. Também economizam na graxa, queimando os motores.

Cheguei a Puerto Assis às dez da noite e, assim que botei o pé fora da canoa, um rato federal quis ver meus papéis. Há mais controle nas zonas calmas que em Villavicencio, que é no limite da zona de guerra. No Putomayo não se pode ficar parado durante cinco minutos sem que venham verificar documentos. Eles supõem que os problemas vêm de fora, na forma de um estrangeiro. Sabe Deus por quê.

No dia seguinte, o governador, que parecia uma espécie degenerada de macaco, encontrou um erro no meu visto. O cônsul no Panamá havia escrito 52 em vez de 53 na data. Tentei explicar que era um erro, suficientemente claro em vista das datas nas minhas passagens de avião, passaporte, recibos, mas o homem era totalmente burro. Assim, o rato revistou minha bagagem, sem encontrar a arma, mas decidiu confiscar a seringa e tudo mais. O inspetor sanitário deu sua contribuição sugerindo que examinassem os remédios.

“Pelo amor de Deus”, pensei, “vão inspecionar uma latrina.”

Informaram-me que ficaria detido na cidade enquanto esperavam uma decisão de Macoa. Assim, fiquei trancado em Puerto Assis sem nada para fazer, só ficar sentado por aí e tomar um porre todas as noites. Tinha planejado fazer uma viagem de canoa ao rio Quaymes para contatar os índios kofan, conhecidos artistas do yage, mas o governador não me deixou sair de Assis.

Puerto Assis é uma típica cidade do rio Putomayo.

Uma rua enlameada ao longo do rio, algumas lojas, uma cantina, uma missão onde os frades capuchinhos

levam uma vida abastada, o hotel Putomayo onde eu estava hospedado.

O hotel era administrado por uma mulher com cara de puta. O marido era um homem de uns quarenta anos, possante e vigoroso, mas tinha um olhar derrotado. Tinham sete filhas, e, olhando para ele, era fácil ver que nunca teriam um filho. Pelo menos não com aquela mulher. A cacarejante ninhada de filhas não parava de entrar no meu quarto (não tinha porta, apenas uma cortina fina) para ver eu me vestir, barbear, escovar os dentes. Era um saco. E eu era vítima de furtos idiotas – um cateter do meu estojo médico, um suspensório, tabletes de vitamina B.

Havia um garoto na cidade que tinha sido guia de um naturalista americano. Esse garoto era o *mister* Especialista local. Encontram-se essas pestes por toda a América do Sul. Eles sabem dizer “*Hello, Joe*” ou “*OK*” ou “*Fucky, fucky*”. Muitos se recusam a falar espanhol, limitando a conversação à linguagem dos sinais.

Estava sentado numa gasta canoa invertida que serve de banco na rua principal de Puerto Assis. O garoto veio, sentou ao meu lado e começou a falar do *mister* que colecionava animais. “Ele colecionava aranhas, escorpiões e cobras.” Eu estava quase dormindo, embalado por aquela liturgia, quando ouvi: “E ele ia me levar de volta para os Estados Unidos com ele”, e acordei. Ah, Deus, pensei, aquele velho papo.

O garoto sorriu, mostrando os buracos dos dentes da frente. Chegou um pouco mais perto. Senti meu estômago contrair.

“Eu tenho um boa canoa”, disse. “Por que não me deixa levá-lo ao Quaymes? Conheço todos os índios de lá.”

Ele parecia o guia mais ineficiente do Alto Amazonas, mas eu disse: “Sim”.

Naquela noite, vi um garoto em frente à cantina. Pôs seus braços ao redor dos meus ombros e disse: “Entra e toma um drinque, *mister*”, deixando suas mãos escorregarem pelas minhas costas até a bunda.

Entramos e nos embebedamos sob o fatigado e sábio olhar do *barman* e saímos andando pela trilha na selva. Sentamos ao luar, ao lado da trilha, e ele deixou seu cotovelo cair no meu pau e disse: “*Mister*”, e a próxima coisa que ouvi foi: “Quanto você vai me dar?”

Ele queria trinta dólares, considerando evidentemente que ele era uma comodidade no Alto Amazonas. Consegui-o por dez dólares, barganhando sob condições crescentemente desvantajosas. De algum jeito, ele conseguiu me tirar vinte dólares e minha cueca (quando ele me disse para tirar a cueca, pensei: um apaixonado, querido. Mas era apenas uma manobra para roubar a cueca).

Depois de cinco dias em Puerto Assis, estava a caminho de estabelecer-me como cidadão, na categoria de vagabundo. Enquanto isso, telegramas sepulcrais chegavam periodicamente de Macoa. “O caso do estrangeiro de Ohio será resolvido.” E finalmente: “Façam o estrangeiro de Ohio voltar a Macoa”.

Daí, voltei rio acima com um policial (estava tecnicamente preso). Em Puerto Umbria, começaram os calafrios e a febre. Cheguei a Macoa num domingo, o comandante não estava lá. Assim, o segundo em comando trancou-me num cubículo de madeira sem sequer um pinico para mijar. Puseram toda minha bagagem comigo sem revistá-la. Poderia ter uma metralhadora escondida na minha bagagem. Tomei um pouco de Aralen e deitei-me tremendo debaixo do cobertor. O homem na cela vizinha estava preso por falta de algum documento. Nunca entendi os detalhes do seu caso. Na manhã seguinte, o comandante apareceu e fui

levado a seu escritório. Cumprimentou-me cordialmente, olhou meus papéis e ouviu minha explicação.

“Evidentemente foi um engano”, disse. “Este homem está livre. Que prazer encontrar um homem inteligente em tais circunstâncias.”

Voltei ao hotel, fui para cama e chamei um médico. Mediu minha temperatura e disse: “Caramba!” E me deu uma injeção de quinino e extrato de fígado para compensar a anemia secundária. Continuei com o Aralen. Tinha alguns comprimidos de codeína para controlar a dor de cabeça da malária, de forma que passei dormindo a maior parte dos três dias que fiquei de cama.

Irei a Bogotá fazer a correção do meu visto e volto para cá. Viajar na Colômbia é difícil, mesmo com as credenciais mais seguras. Nunca vi uma polícia mais onipresente e irritante. Você deve se registrar na polícia onde quer que você vá. Isso é de uma estupidez imperdoável. Se eu fosse um ativista liberal, que poderia fazer em Puerto Assis além de tomar o lugar a bala?

Como sempre,
William

3 de março
Hotel Nueva Regis,
Bogotá

Querido Al:

Bogotá, horrível com sempre. Corrigi meus papéis com a ajuda da Embaixada Americana. Penso em processar a Pan American Airways por foder com o meu visto.

Juntei-me a uma expedição - certamente numa categoria meio indefinida - composta pelo dr. Schindler,

dois botânicos colombianos, dois ingleses especialistas no estudo da broca do cacau da Comissão do Cacau. Voltarei ao Putomayo no comboio. Farei um relato completo da viagem quando voltar a esta cidade pela terceira vez.

Como sempre,
Bill

15 de abril
Hotel Nueva Regis,
Bogotá

Querido Al:

De volta a Bogotá. Tenho um caixote de yage. Tomei-o e sei mais ou menos como é preparado. Outra coisa, talvez você veja minha foto no *Exposure*. Encontrei um repórter chegando quando estava saindo. Certamente veado, mas tão degustável quanto uma cesta de roupa suja. Nem depois de dois meses no mato, querido. Esse personagem está revirando o continente sul-americano em busca de alimentação e transporte gratuitos e descontos em tudo o que compra com aquele papo de “Temos-dois-tipos-de-publicidade-favorável-e-desfavorável-qual-você-prefere” Jack? - Que bicão descarado. Mas quem sou eu para falar?

Flashback: refiz minha viagem por Cáli, Popayan e Pasto até Macoa. Foi interessante constatar que Macoa deprimiu tanto a Schindler e aos dois ingleses quanto a mim.

Nessa viagem, fui tratado como um rei visitante por acreditarem, erroneamente, que eu era um representante da Texas Oil Company viajando incógnito.

(Passagens gratuitas de ônibus e avião, rango grátis; comendo na mesa dos oficiais, dormindo na casa do governador.)

A Texas Oil Company pesquisou a área há alguns anos, não encontrou petróleo e saiu fora. Mas todos no Putomayo acreditam que a Texas Company voltará. Como o retorno de Cristo. O governador contou-me que a Texas Company levou duas amostras de petróleo a oitenta milhas de distância uma da outra e era o mesmo petróleo, de forma que havia uma bolsa de oitenta milhas embaixo de Macoa. Ouvi essa mesma história num buraco no oeste do Texas, onde a companhia petrolífera fez uma sondagem, não encontrou nenhum petróleo e saiu fora. Só que no Texas a bolsa era de mil milhas. A psicose da cidade derrotada ligou o mundo como uma bolsa de petróleo. Você pega uma amostra em qualquer lugar e é a mesma merda. O governador acha que estão por abrir uma ferrovia de Pasto a Macoa e um aeroporto. Na realidade, todo o Putomayo está abaixo da crítica. O negócio da borracha está condenado, o cacau está sendo comido pela broca, a rotenona [6](#) está sem cotação desde a guerra, a terra é pobre e não se consegue fazê-la produzir. A inútil psicofrenia dos especuladores de cidade pequena. Chego a pensar que, em algum dia próximo, os caras começarão a escalar as vigas e cavar túneis sob as portas.

Muitas vezes, quando estava bêbado, dizia: “Olha, não há petróleo aqui. Por isso a Texas saiu fora. Não voltarão mais. Entende?” – Mas eles não conseguiam acreditar.

Fomos visitar um alemão proprietário de uma finca perto de Macoa. Os ingleses foram procurar coca selvagem com um guia índio. Perguntei ao alemão sobre o yage.

“Claro”, disse. “Todos meus índios usam. Meia hora mais tarde, tinha dez quilos da trepadeira do yage. Nada de expedições pela floresta virgem e nenhum velho

personagem de cabelos brancos dizendo “estava te esperando meu filho”. Um simpático alemão a dez minutos de Macoa.

O alemão também marcou consulta com o Brujo local (naquela época eu não tinha idéia da preparação).

O curandeiro era um homem de uns setenta anos, com a cara suave de bebê. Mostrava uma doçura astuta de um velho *junkie*. Estava escurecendo quando cheguei a essa cabana de chão batido e teto de palha para minha consulta do yage. Primeiro, me perguntou se eu tinha trazido uma garrafa. Tirei um litro de aguardente da minha mochila e lhe entreguei. Tomou um longo trago e passou a garrafa para seu assistente. Não tomei nada porque queria sentir direto o barato do yage. O Brujo pôs a garrafa a seu lado e agachou-se junto a uma gamela colocada sobre um tripé. Atrás da gamela, havia um altar de madeira com a figura da Virgem, um crucifixo, um ídolo de madeira, penas e pequenos pacotes amarrados com fitas. O Brujo ficou sentado por um longo tempo sem se mover. Tomou outro imenso gole da garrafa. As mulheres se retiraram para trás de um biombo de bambu e não foram vistas outra vez. O Brujo começou a cantarolar sobre a gamela. Consegui pegar “Yage pintar”, repetido várias vezes. Sacudiu uma pequena vassoura sobre a gamela e fez um ruído sibilante. Isso é para espantar os maus espíritos que possam entrar furtivamente no yage. Tomou um gole, limpou a boca e continuou cantarolando. Não se pode apressar um Brujo. Finalmente, destampou a gamela e despejou mais ou menos uns trinta gramas de um líquido preto que me passou numa xícara suja de plástico vermelho. O líquido era oleoso e fosforescente. Bebi-o de um gole só. O gosto amargo prévio à náusea. Devolvi a xícara e o curandeiro e seu assistente tomaram um gole.

Fiquei sentado lá, esperando o efeito, e quase imediatamente tive o impulso de dizer: “Não foi

suficiente, preciso mais”.

Roy falou-me de um cara que saiu limpo da cadeia e quase morreu no quarto de Roy. “Ele tomou um pico e disse em seguida: - Não ‘foi suficiente’, e caiu duro. Arrastei-o até o corredor e chamei uma ambulância. Ele viveu.”

Em dois minutos, uma onda de tontura me arrebatou e a cabana começou a girar. Era como cheirar éter ou, quando você está muito bêbado, deita e a cama gira. Brilhos azuis passavam em frente a meus olhos. A cabana tinha um aspecto arcaico do Pacífico longínquo, com cabeças da Ilha da Páscoa cravadas nos postes. O assistente estava lá fora, escondido, com a óbvia intenção de me matar. Fui atingido por uma náusea súbita e violenta e corri para a porta, batendo o ombro no umbral. Senti o choque, mas não senti dor. Mal conseguia caminhar. Sem coordenação. Meus pés eram como blocos de madeira. Vomitei violentamente, encostado numa árvore, e caí no chão, miseravelmente desamparado. Tentei sair daquela tontura entorpecedora. Repetia sem parar: “Tudo o que eu quero é sair daqui”. Uma bobeira mecânica incontrolável tomou conta de mim. Repetições hebrefrênicas sem sentindo. Seres larvais passam ante meus olhos numa bruma azul, todos lançando grasnidos obscenos e escarnecedores (mais tarde, identifiquei esses grasnidos como o coaxar dos sapos). Devo ter vomitado umas seis vezes. Estava de quatro, tendo convulsões pelos espasmos da náusea. Eu ouvia arquejos e gemidos como se eu fosse uma outra pessoa. Fiquei recostado numa pedra. Devem ter-se passado horas. O curandeiro estava parado diante de mim. Olhei-o por um longo tempo antes de acreditar que ele estivesse realmente ali, dizendo: “Quer entrar na casa?”. Eu disse: “Não”, e ele encolheu os ombros e voltou para dentro.

Meus braços e minhas pernas começaram a crisar-se incontrolavelmente. Procurei meu nembutal, com os dedos entorpecidos. Devo ter demorado uns dez minutos para abrir o frasco e tirar cinco cápsulas. A boca estava seca, mas de alguma forma consegui engolir o nembutal. Os espasmos crispantes diminuíram devagar, me senti um pouco melhor e entrei na cabana. Os brilhos azuis ainda estavam em frente a meus olhos. Deitei e me cobri com um cobertor. Sentia calafrios como na malária. De repente, fiquei muito sonolento. Na manhã seguinte estava bem, exceto pela sensação de cansaço e pela ligeira ressaca da náusea. Paguei o Brujo e voltei andando para a cidade.

Fomos todos a Puerto Assis naquele dia. Schindler ficou o tempo todo reclamando que o Putomayo tinha deteriorado desde que havia estado aqui há dez anos. “Nunca vi uma expedição botânica como essa”, disse. “Todas essas fazendas e pessoas. Você tem que andar milhas até chegar na floresta.”

Schindler tinha dois assistentes para carregar sua bagagem, cortar árvores e imprimir os exemplares de planta. Um deles era um índio da região do Vaupes, onde o método de preparar yage é diferente do método kofan do Putomayo. No Putomayo, os índios cortam a trepadeira em pedaços de vinte centímetros usando pelo menos cinco pedaços por pessoa. Os pedaços são triturados com uma pedra e fervidos com dois punhados de folhas de uma outra planta, identificada por alguns como ololiqui. A mistura é fervida durante todo o dia com um pouco d’água e reduzida a umas duas onças de líquido.

No Vaupes, a casca é raspada de uns três pés de planta para juntar umas sessenta gramas de lascas. A casca é empapada num litro de água fria por muitas horas e depois o líquido é seco: é tomado em pequenos

goles por um período de uma hora. Nenhuma outra planta é adicionada.

Decidi experimentar o yage preparado pelo método do Vaupes. O índio e eu começamos a raspar a casca com machetes (a parte interna da casca é mais ativa). É branca e gosmenta no início, mas quase imediatamente se torna vermelha pela exposição ao ar. As filhas da dona do hotel nos olhavam apontando e rindo estupidamente. Isso é estritamente contrário ao protocolo do Putomayo para a preparação do yage. O Brujo de Macoa me disse que se uma mulher testemunha a preparação, o yage estraga no ato e envenena quem o bebe, deixando-o no mínimo louco. O velho papo de que mulheres-são-sujas-em-certas-circunstâncias-venenosas. Achei que era uma oportunidade de testar o mito da poluição feminina de uma vez por todas com sete fêmeas respirando na minha nuca, metendo palitos na mistura, manuseando a mistura e dando risadinhas.

A infusão de água fria é de uma cor vermelho-claro. Naquela noite, bebi um litro da infusão por um período de uma hora. A não ser pelos brilhos azuis e uma leve náusea, mas não a ponto de vomitar, o efeito era semelhante ao da maconha. Imaginação viva, resultados afrodisíacos, bobeira e ataques de riso. Com essa dose, não havia medo, alucinações ou falta de controle. Acho que tomei um terço da dose que o Brujo me deu.

No dia seguinte, fomos a Puerto Espina, onde o governador nos hospedou em sua casa. Isto é, penduramos nossas redes nos quartos vazios do andar de cima. Surgiu uma guerra fria entre os colombianos e os ingleses porque os colombianos se recusavam a levantar para sair cedo, e os ingleses reclamavam que a Comissão do Cacau estava sendo sabotada por uma dupla de *cucarachas* preguiçosos.

Todos os dias planejávamos sair cedo para a selva. Pelas onze horas, os colombianos terminavam o café-da-

manhã, com o resto de nós esperando desde as oito, e começavam a procurar um guia incompetente, de preferência alguém com uma *finca* próxima à cidade. Pela uma, chegávamos à *finca* e gastávamos mais uma hora no almoço. Então os colombianos diziam: “Eles dizem que a floresta é longe, umas três horas. Não teremos tempo de chegar hoje.” Então voltávamos para a cidade, os colombianos recolhendo uma confusão de plantas pelo caminho. “Enquanto puderem colher uma erva qualquer, eles estão cagando e andando”, me disse um inglês depois de uma expedição à *finca* mais próxima.

Deveria haver um serviço aéreo para sair de Puerto Espina. Naquela altura, Schindler e eu estávamos prontos para voltar a Bogotá. Assim, ficamos lá sentados em Puerto Espina esperando esse avião, e o agente não tem rádio ou qualquer maneira de saber quando o avião chega, se chegar, e diz: “Com certeza, rapazes, qualquer dia destes você olharão para cima e verão o Catalina chegando por cima do rio, cintilando no céu como um peixe prateado”.

Então eu disse para o dr. Schindler: “Ficaremos velhos e simplórios, sentados por aí jogando dominó, antes que um avião fodido desça aqui e o rio subindo todos os dias e como voltar com todos os motores de Puerto Espina quebrados?”.

(Os cidadãos que possuem esses motores passam todo o tempo enrolados com eles, desmontando-os e deixando de fora peças que não consideram essenciais, de forma que os motores nunca funcionam. Os donos dos barcos têm uma certa ingenuidade do estilo Rube Goldberg em remendar o motor estragado para mais um último arranque - mas a questão era subir o rio. Para descer o rio, se chega com ou sem motor, mas para subir o rio é necessário algum meio de propulsão.)

Certamente é romântico no começo, mas espera até ficar sentado lá cinco dias sobre a bunda dolorida, dormindo em cabanas índias, comendo yoka e o mesmo inominável pedaço de carne, como pâncreas defumado de um macaco-preguiça de dois dedos e ouvindo-os foder o motor durante toda a noite (guardam-no no alpendre): buuurt, spluuuu ut spluuuu.... ut, e não se consegue dormir ouvindo o motor dar partida e morrer durante toda a noite, e então começa a chover. Amanhã o rio estará mais alto.

Então eu disse para Schindler: “Doutor, prefiro flutuar até o Atlântico do que subir este rio fodido”.

Ele disse: “Bill, não passei quinze anos neste país filho-da-puta nem perdi todos os meus dentes no serviço à toa. Mais abaixo, em Puerto Leguisomo, eles têm aviões militares e acontece que eu sei que o comandante de lá é latah. (Latah é uma condição existente no sudeste asiático. Geralmente, o Latah é normal, mas quando se consegue atrair sua atenção chamando-o pelo nome ou tocando-o, ele não resiste e faz tudo o que se manda.)

Assim, Schindler foi a Puerto Leguisomo enquanto eu permaneci em Puerto Espina esperando uma carona com a Comissão do Cacau. Via todos os dias o agente do avião, e ele vinha como o mesmo papo. Mostrou-me uma terrível cicatriz na nuca. “Machete”, disse. Sem dúvida, algum sujeito exasperado que ficou louco esperando por um de seus aviões.

Os colombianos e a Comissão do Cacau subiram o San Miguel e fiquei sozinho em Puerto Espina, comendo na casa do comandante. Uma comida terrivelmente gordurosa. Arroz e bolos de banana três vezes por dia. Comecei a esconder as bananas no bolso e a jogá-las fora depois. O Comandante sempre falava de quanto Schindler gostava daquela comida. (Schindler é uma velho conhecedor da América do Sul. Ele certamente pode agüentar essa merda.) E eu, gostava? Eu dizia

“magnífica”, com a voz entrecortada. Não basta ter que comer esta comida gordurosa; ainda tenho que dizer que gosto.

O comandante sabia por Schindler que eu tinha escrito um livro sobre “marijuana”. De vez em quando, eu via a suspeita filtrar-se por seus olhos sombrios e hepáticos.

“A marijuana degenera o sistema nervoso”, ele disse, levantando os olhos do prato de bananas.

Eu lhe disse que deveria tomar vitamina B1, e ele me olhou como se eu tivesse recomendado o uso de um narcótico.

O governador tratava-me com uma frieza desagradável porque um dos tonéis de gasolina da Comissão do Cacau havia vazado no seu pórtico. Esperava ser expulso a qualquer momento da mansão governamental.

A Comissão do Cacau e os colombianos voltaram de San Miguel em estado de completo desacerto. Parece que os colombianos encontraram uma *finca* e passaram lá três dias de pijama, coçando o saco. Na ausência de Schindler, eu era o único mediador entre as duas facções e suspeito de pertencer secretamente a uma delas. (Peguei emprestada uma pistola dos colombianos e viajava no barco da Comissão do Cacau.)

Descemos o rio até Puerto Leguisomo, onde o Comandante nos instalou numa canhoneira ancorada no Putomayo. Na verdade, não tinha canhões a bordo. Acho que era um barco-hospital.

O barco estava sujo e enferrujado. O sistema de água não funcionava e o banheiro estava em condições indescritíveis. Os colombianos estavam num poderoso barco solto. Não me surpreenderia se alguém cagasse no convés e limpasse a bunda com a bandeira. (Isso vem de um sonho que tive em inglês do século XVII: os delegados ingleses e franceses cagaram no chão, rasgando em tiras o Tratado de Sevilha e com regozijo

limparam seus traseiros com ele, vendo o delegado espanhol retirar-se da conferência.)

Puerto Leguisomo recebeu seu nome de um soldado que se distinguiu na Guerra Peruana em 1940. Perguntei a um dos colombianos sobre isso e ele confirmou: “Sim, Leguisomo foi um soldado que fez algo na guerra”.

“O que ele fez?”

“Bom, ele fez alguma coisa.”

O lugar parece os restos de uma inundação em retrocesso. Maquinaria abandonada e enferrujada espalhada aqui e ali. Pântanos no meio da cidade. Ruas sem iluminação onde se afunda até o joelho.

Há cinco putas na cidade, sentadas em frente à cantina de paredes azuis. Os garotos de Puerto Leguisomo apinham-se em volta das putas com a concentração imóvel de gatos machos. As putas sentam na noite úmida sob a lâmpada nua e sob o estrondo da música da *jukebox*, esperando.

Inquirindo nos arredores de Puerto Leguisomo, soube que o uso do yage é comum a índios e brancos. Quase todo mundo o tem plantado no pátio.

Depois de uma semana em Leguisomo, tomei um avião para Villavicencio; de lá, de volta a Bogotá, de ônibus.

Assim, aqui estou de volta a Bogotá. Nenhum dinheiro esperando por mim (o cheque aparentemente foi roubado). Estou reduzido ao expediente vulgar de roubar álcool para beber do laboratório da universidade, colocado à disposição do cientista visitante.

Extrair os alcalóides da trepadeira do yage é um processo relativamente simples, segundo as instruções fornecidas pelo Instituto. Minhas experiências com o extrato de yage não têm sido conclusivas. Não vi brilhos azuis ou qualquer aumento pronunciado da imaginação. Notei efeitos afrodisíacos. O extrato me faz ficar

sonolento, enquanto que a erva fresca é um estimulante e, em *overdose*, um veneno convulsivo.

Todas as noites vou a um bar, peço uma garrafa de Pepsi e derramo dentro um pouco do álcool do laboratório. A população de Bogotá mora nos bares. Há montes deles e sempre cheios. A roupa padrão da alta sociedade é um casaco de gabardine e, claro, terno e gravata. Uma bunda sul-americana pode estar saindo para fora das calças, mas mesmo assim estará de gravata.

Bogotá é essencialmente uma cidade pequena, todo mundo preocupado com a roupa e tentando fazer acreditar que seu trabalho é digno. Estava sentado num desses bares de executivos quando um garoto num imundo terno cinza-claro, mas agarrado à sua puída gravata, perguntou-me se falava inglês.

Eu disse: “Fluentemente”, e ele se sentou à mesa. Um ex-empregado da Texas Company. Obviamente bicha, loiro, de aparência alemã e maneiras européias. Fomos a vários bares. Apontava para as pessoas, dizendo: “Ele não quer mais falar comigo porque estou sem trabalho”.

Essas pessoas, corretamente vestidas e de maneiras polidas, realmente viravam a cara em alguns casos, pediam a conta e saíam. Não sei se o garoto pareceria menos bicha com um terno de duzentos dólares.

Uma noite, estava sentado num café liberal quando três pistoleiros civis do Partido Conservador entraram gritando: “*Viva los Conservadores!*”, esperando provocar alguém para poderem dar uns tiros. Um deles era um homem de meia-idade do tipo gritão. Os outros sentaram e deixaram-no fazer o escândalo. Os outros eram mais jovens, guarda-costas, delinqüentes de esquina, bandidos de fronteira. Ombros estreitos, cara de provocadores, pele macia, esticada, avermelhada e dentes ruins. Era muito evidente. Os dois delinqüentes pareciam constrangidos e envergonhados de si mesmos,

como o rapaz dum poema satírico que diz: “Admito que sou uma montanha de merda”.

Todos pagaram e saíram, deixando o cara gritão berrando: “*Viva el Partido Conservador*” para uma casa vazia.

Como sempre,
Bill

5 de maio
Jose Leal, 930.
Lima

Querido Allen:

Encontro-me em Lima, suficientemente parecido com a Cidade do México para me dar saudades de casa. México é um lar para mim e não posso voltar. Recebi uma carta do meu advogado: fui sentenciado *in absentia*. Sinto-me como um romano e Livros de Roma. Planejo ir à floresta peruana para mais yage. Ficarei algumas semanas sacando Lima.

Passei pelo Equador o mais rápido possível. Que lugar horrível. Complexo de inferioridade de país pequeno no estágio mais avançado.

Miscelânea equatoriana: Esmeraldas quente e úmida como uma sauna e urubus comendo um porco morto na rua principal e em qualquer lugar há um negro coçando o saco. O inevitável turco que vende e compra tudo. Tentou enganar-me a cada compra, e gastei uma hora discutindo com esse filho-da-puta. O agente de transporte grego com sua camisa de seda imunda, sem sapatos e seu navio sujo, deixou Esmeraldas com sete horas de atraso.

No navio, falei com um homem que conhece a floresta equatoriana como seu próprio pau. Parece que os comerciantes da selva periodicamente atacam os aucas (tribo de índios hostis - em dois anos, a Shell perdeu vinte empregados para os aucas da região) e levam mulheres, que mantêm cativas para seu uso sexual. Parece interessante. Talvez eu capture algum garoto auca.

Tenho instruções precisas para atacar os aucas. É bem simples. Fecha-se ambas as saídas de uma casa auca e você atira em quem não quiser foder.

Ao chegar a Manta, um cara esfarrapado de suéter começou a abrir as minhas malas. Pensei ser um ladrão descarado e lhe dei um empurrão. Era o inspetor da alfândega.

O barco parou em Palmas, com um propulsor quebrado, entre Manta e Guayaquil. Cheguei em terra numa balsa. Preso na praia por suspeita de haver flutuado do Peru pela corrente de Humbolt com um garoto e uma escova de dentes (viajo com pouco peso, apenas o essencial). Arrastaram-nos até um velho fodido, com a cara murcha pelo câncer. O garoto comigo não tinha o documento de identidade. Os tiras repetiam em tom lamuriento:

“Mas você não tem *nenhum* documento?”

Livrei-nos em meia hora usando o velho papo “Nós-temos-dois-tipos-de-publicidade-favorável-desfavorável-qual-vocês-preferem?”. Consto como escritor no meu visto.

Guayaquil. Todas as manhãs vem uma gritaria de garotos que vendem Luckies na rua. “A ver Luckies”. “Olha aqui, Luckies”, Continuarão dizendo “A ver Luckies” daqui a cem anos? Medo do pesadelo do marasmo. Horror de ficar atolado neste lugar. Esse medo me seguiu por toda a América do Sul. Uma horrível sensação doentia de desolação e final.

“La Asia”, um restaurante chinês em Guayaquil, que parece um puteiro e casa de ópio de 1890. Buracos de cupim no chão, lustres cor-de-rosa de franjas sujas. Um terraço de madeira de teca podre.

O Equador está realmente na beira do abismo. O Peru deveria anexá-lo e civilizar o lugar para se ter um pouco de comodidade. Nunca fui para cama com um garoto equatoriano, e não sei se se consegue comprar algum tipo de droga.

Como sempre,

W. Lee

P.S.: Encontrei um motorista de táxi tipo pocho. Pocho é um sujeito encontrado no México que não gosta nem do México, nem dos mexicanos. Esse motorista contou-me que era peruano, mas que não agüentava os peruanos. No Equador e na Colômbia ninguém admite que haja algo errado com seu país de merda. Como os caras do interior dos Estados Unidos. Lembro do que me disse um oficial do exército em Puerto Leguisomo: “Noventa por cento das pessoas que vêm à Colômbia nunca vão embora”.

Presumivelmente, ele queria dizer que as pessoas ficavam fascinadas pelos encantos do lugar. Pertencem aos dez por cento que jamais retornam.

Como sempre,
Bill

12 de maio de 1953
Lima

Querido Allen:

Tenho procurado o que um personagem de Waugh chama de "*Louche little bistros*" (pequenos e ambíguos bistrôs) com sucesso evidente. Os bares em volta do Mercado Atacadista - Mercado Mayorista - estão tão cheios de garotos que eles se derramam pela rua, todos inteligentes e disponíveis ao dólar ianque (um). Nunca vi nada como isso desde 1936, em Viena. Mas os pequenos bastardos roubam até o ar. Já perdi um relógio e quinze dólares. O relógio não funcionava. Nunca tive um que funcionasse.

Ontem à noite, registrei-me num hotel com um índio descalço para o hilariante regozijo do recepcionista e seus amigos. (Acho que o recepcionista americano médio não se divertiria com tal ocorrência.)

Encontrei um garoto e fui com ele a uma boate. Bem no meio da pista bem iluminada e heterossexual, pôs a mão no meu pau. Fui recíproco e ninguém deu bola. Então, tentou encontrar no meu bolso alguma coisa de valor para roubar, mas eu, prudentemente, tinha escondido o dinheiro na fita do chapéu. Toda essa rotina, você entende, é completamente afável e sem traço de violência aberta ou potencial. Finalmente saímos juntos, tomamos um táxi, abraçou-me, beijou-me e dormiu no meu ombro como um cachorrinho carinhoso, mas insistiu em ir para casa.

Agora você deve entender que esse é um garoto peruano médio, não-homossexual, certamente um pouco delinqüente juvenil. São as pessoas menos recatadas que já vi. Eles cagam e mijam onde querem. Não têm inibições para mostrar afeição. Montam uns em cima dos outros, ficam de mãos dadas. Se vão para cama com

outro homem, e todos vão por dinheiro, parecem gostar. A homossexualidade é simplesmente um potencial humano como se demonstra quase de forma unânime em incidentes nas prisões - e nada de humano é estranho ou chocante para um sul-americano. Estou falando do melhor sul-americano, parte índio, parte branco e parte sabe-Deus-o-quê. Ele não é, como se pensa a princípio, fundamentalmente um oriental, mas também não pertence ao ocidente. É algo especial, como nenhuma outra coisa. Sua expressão tem sido bloqueada pelos espanhóis e pela Igreja Católica. Precisamos de um novo Bolívar que realmente termine o serviço. Eu acho que é este o objetivo da Guerra Civil Colombiana - o rompimento fundamental entre o Potencial Sul-americano e a Repressão Hispânica dos Tabus que temem a vida. Nunca me senti apoiando tanto um lado e tão incapaz de ver qualquer característica inovadora no outro. A América do Sul é uma mistura de linhagens, todas necessárias para gerar a forma potencial. Sabem que precisam de sangue branco - mito do Deus Branco - e o que conseguiram foram os malditos espanhóis. Mas tiveram a vantagem de sua fraqueza. Nunca tirariam os ingleses daqui. Teriam criado aquela atrocidade conhecida como País do Homem Branco.

A América do Sul não força as pessoas a se perverterem. Pode-se ser homossexual ou drogado e ainda manter uma posição. Especialmente se for educado e tiver boas maneiras. Nos Estados Unidos, ou se é pervertido ou se vive num tédio monótono. Aqui há um profundo respeito pela educação. Até mesmo Oppenheimer é um pervertido tolerado por sua utilidade. Não esqueço que todos os intelectuais são pervertidos, nos Estados Unidos.

Um grande bairro chinês (Chinatown). Acho que se pode descolar droga aqui. Na Colômbia e no Equador nunca ouviram falar de tal coisa. Um pouco de maconha

entre os negros da costa. Coca, só em forma de folhas, entre os índios.

Incidentalmente, quase sempre se vê muito sangue nestes pequenos e ambíguos bistrôs peruanos. Arremessar garrafas quebradas na cara do adversário é prática comum. Todo mundo faz isso.

Amor,
Bill

Lima, 23 de maio

Querido Al:

Remeto junto um roteiro que sonhei.[9](#) A idéia me veio durante e um sonho do qual acordei rindo.

Roubaram-me duzentos dólares em cheques de viagem. Na realidade, não há prejuízo porque a American Express reembolsa. Estou me recuperando de uma neurite de pisco, e o médico tirou um raio X do pulmão. Primeiro malária de Caqueta, depois a gripe de Esmeraldas e agora a neurite de pisco (pisco é uma aguardente local, parece veneno). Não posso sair de Lima até ficar bom da neurite.

24 de maio

Departamento do vacilo. Fui roubado outra vez. Meus óculos e meu canivete. Perdendo todos meus fodidos valores em serviço.

Esta é uma nação de cleptomaníacos. Em toda minha experiência como homossexual, nunca tinha sido vítima de roubos tão idiotas de artigos sem uso possível para outra pessoa. Até agora, óculos e cheques de viagem.

O problema é que compartilho com o falecido padre Flanagan¹⁰, o da Cidade dos Meninos, da profunda convicção de que não existem garotos maus.

Tenho que largar a droga. Minhas mãos tremem tanto que mal posso escrever. Preciso parar.

Amor,
Bill

ROOSEVELT DEPOIS DA POSSE

Imediatamente depois da cerimônia de posse, Roosevelt apareceu na sacada da Casa Branca usando as vestes cor de púrpura dos imperadores romanos e, conduzindo um leão desdentado e cego por uma coleira de ouro, coinchou para convocar os integrantes de seu gabinete e determinar a posição que cada um deles ocuparia. Os membros do gabinete chegaram apressados, grunhindo e guinchando como porcos que eram.

Uma bicha velha conhecida pela polícia do Brooklyn como “Annie Punheta” foi nomeada para Chefe de Estado Maior, de modo que os oficiais mais jovens do departamento foram sujeitados a indignidades impronunciáveis nos banheiros dos Pentágono, e por isso muitos deles instalaram latrinas de acampamento em suas salas para evitá-las.

Uma travesti gostosona recebeu o posto de bibliotecária do Congresso. Imediatamente mandou barrar o sexo masculino das premissas - um professor de filologia de renome mundial saiu com o maxilar quebrado por uma sapatão brutamontes quando tentou entrar na biblioteca. A biblioteca virou local de orgias lésbicas, que ela chamou de Rituais das Virgens Vestais.

Um pedinte veterano foi indicado como secretário de Estado e, por negligência à dignidade de seu posto, saiu pedindo moedinhas pelos corredores do Departamento de Estado.

O “Magrinho do Metrô”, um trombadinha, assumiu o cargo de Subsecretário de Estado e chefe do Cerimonial e causou ruptura diplomática com a Inglaterra quando o embaixador inglês “deu em cima dele” - esse é um termo de trombadinha para dizer que o assaltado ficou de pau duro quando seus bolsos estavam sendo

vasculhados - durante um banquete na embaixada sueca.

Lonnie o Cafetão tornou-se embaixador geral e saiu em viagem junto com cinquenta “secretários” para exercer sua função execrável.

Uma *drag queen*, conhecida como “Eddie a Dama”, encabeçou a Comissão de Energia Nuclear e convocou os físicos para um coral masculino que se apresentava como “Os Garotos Atômicos”.

Em resumo, homens que tinham ficado de cabelos brancos e perdido os dentes no cumprimento do serviço leal a seu país foram demitidos sumariamente nos termos mais depravados possíveis - como “Está despedido, seu velho fodido. Tira essa bunda preguiçosa daqui agora mesmo” - e, em muitos casos, literalmente jogados para fora dos gabinetes. Arruaceiros e desqualificados do mais desprezível calibre tomaram conta dos cargos mais altos em existência. Só para mencionar algumas dessas indicações escandalosas:

Secretário do Tesouro: “Mike Tebaína”, um viciado em heroína das antigas.

Diretor do FBI: um empregado de uma sauna turca especializado em massagens nada éticas.

Procurador Geral: um sujeito conhecido como “Mink”, um camelô que vendia camisinhas usadas e dava pequenos golpes.

Secretário da Agricultura: “Luke Bagre”, um garoto de rua de Bucetavile, no Alabama, que passara vinte anos bêbado de tintura de ópio e extrato de limão.

Ministro para o Reino Unido: “Wilson Banha”, que conseguiu seu dinheiro para comprar barbitúricos fazendo chantagem com pessoas que tinham fetiche por pés e andavam em lojas de calçados.

Chefe dos Serviços de Correio: “Moleque Pó de Ópio”, um drogado de longa data e trapaceiro das favelas. Atualmente trabalha em uma rotina chamada “Tirando

do Olho” - planta-se uma catarata falsa no olho do selvagem (selvagem é como os trapaceiros dizem trouxa) -, o truque mais barato no ramo.

Quando a Suprema Corte barrou algumas das legislações perpetradas por essa corja, Roosevelt forçou os integrantes do augusto tribunal, um por um, sob a ameaça de rebaixamento imediato ao posto de Atendente de Banheiro Congressional, a manter relações com um babuíno de bunda roxa, de modo que homens veneráveis e honrados se submeteram aos carinhos de um símio lascivo e rosmento, enquanto Roosevelt e sua esposa biscate e o puxa-saco veterano Harry Hopkins, fumando um cachimbo coletivo de haxixe, assistiam à cena lamentável com arroubos de gargalhadas obscenas. O ministro Blackstrap sucumbiu diante de uma hemorragia retal ali mesmo, mas Roosevelt só riu e disse, bem grosseiro:

- Tem muito mais no lugar de onde isso aí veio.

Hopkins, incapaz de se controlar, rolou no chão em convulsões sicofânticas, repetindo sem parar:

- Você está me matando, chefe. Você está me matando.

O símio arrancou a dentadas as orelhas do ministro Hockactonsvol e, quando o ministro-chefe Howard P. Herringbone pediu para ser poupado, alegando indisposição, Roosevelt lhe disse com brutalidade:

- A melhor coisa para a indisposição é um pau de babuíno no cu. Certo, Harry?

- Certo, chefe. Eu não uso outra coisa. Você ouviu o que o homem disse. Leva essa sua bunda mole até aquela cadeira ali e mostra para a visita símia o que é a hospitalidade do sul do país.

Roosevelt então indicou o babuíno para substituir o ministro Blackstrap, “adoentado”.

Então, dali em diante, os processos da Corte Suprema passaram a ser conduzidos com um símio aos berros que

cagava e mijava e se masturbava em cima da mesa e que, com boa frequência, pulava em cima de algum dos ministros e o deixava em frangalhos.

- Ele está apresentando voto de discordância -, Roosevelt dizia com uma risadinha maldosa. As vagas assim criadas eram invariavelmente preenchidas por símios, de modo que, com o passar do tempo, a Suprema Corte veio a ser constituída por nove babuínos de bunda roxa; e Roosevelt, alegando ser o único capaz de interpretar suas decisões, assim ficou com o controle do mais alto tribunal do país.

Ele então se dedicou a acabar com as restrições impostas pelo Congresso e pelo Senado. Soltou inúmeros chatos e outras pragas em ambas as câmaras. Tinha um batalhão de idiotas treinados que corriam a qualquer sinal combinado e cagavam no chão e inoportunos armados de uma banda de metais e de mangueiras de incêndio. Instituiu reformas contínuas. Um exército de obreiros marchava pelas câmaras, atingindo os legisladores na cara com tábuas, jogando piche quente por dentro da camisa deles, lançando ferramentas sobre os pés deles, destruindo-os com britadeiras; e finalmente mandou colocar uma escavadeira mecânica nos andares, de modo que os legisladores mais obstinados ou eram enterrados vivos ou se afogavam quando as câmaras alagaram devido aos canos quebrados. Os sobreviventes tentaram dar continuidade a seu trabalho na rua, mas foram presos por vadiagem e mandados para o reformatório como mendigos comuns. Depois de soltos, foram expurgados do cargo sob alegação de ter ficha policial.

Então Roosevelt entregou-se a uma conduta tão vil e desenfreada que dá vergonha até de falar. Instituiu uma série de concursos com o intuito de promulgar os atos e instintos mais baixos de que a espécie humana é capaz. Houve o Concurso do Ato mais Ofensivo, o Concurso do

Truque mais Baixo, a Semana do Abuso Sexual Infantil, a Semana de Entregar seu Melhor Amigo - dedos-duros profissionais não podiam se inscrever - e o título cobiçado de Homem mais Vil de Todos do Ano. Exemplos de inscritos: o drogado que roubou um supositório de ópio da bunda da avó; o capitão de navio que vestiu roupas de mulher e correu para o primeiro bote salva-vidas; o segundo policial de patrulha que indiciava as pessoas colocando um pinto falso no zíper da calça delas.

Aliás, Roosevelt fora acometido de ódio tal pela espécie que desejava degradá-la a ponto de não mais ser reconhecida. Ele só era capaz de suportar os extremos do comportamento humano. A média, as pessoas de meia-idade (ele enxergava a meia-idade como uma condição sem relação nenhuma com a idade cronológica), a classe média, o burocrata o enchiam de desprezo. Um de seus primeiros atos foi queimar todos os registros em Washington; milhares de burocratas se jogaram nas chamas.

“Vou deixar os chupadores felizes por sofrer uma mutação”, ele dizia, olhando para o espaço enquanto buscava novos limites para a depravação.

18 de junho
Hotel Touriste
Tinto Maria, Peru

Querido Allen:

Um hotel confortável e bem-administrado, como uma estalagem da montanha. Clima frio. Floresta muito alta. Um grupo de peruanos de classe alta no hotel. A cada instante, um deles grita: “*Señor Pinto*” (ele administra o hotel). Isso é parte do senso de humor latino-americano.

Como quando olham para um cachorro e gritam “perro” e todos riem.

Conversei com uma professora da Califórnia, ligeiramente maluca, que mastigava com a boca aberta. O presidente foi ao Tingo Maria quando eu estava lá. Uma incomodação terrível. Não saiu jantar até as nove, fiz uma cena com o garçom, fui para a cidade e comi uma refeição gordurosa.

Socado aqui até amanhã por informação mal dada. Esperava ver um cara a respeito do yage e resultou que ele se mudou há cinco anos. É uma comunidade rural com colonos iugoslavos e italianos e uma Estação Experimental Agronômica do Ponto Quatro americano. O bando de gente mais burra que já vi. As cidades rurais são horríveis.

Este lugar me dá o horror do marasmo. A sensação de localização, de estar justamente aqui e em nenhum outro lugar é insuportável. Imagina se eu tivesse que morar aqui!

Você já leu *O país dos cegos* de H. G. Wells? É sobre um homem preso num país onde todos os outros habitantes eram cegos há tantas gerações que perderam o conceito de visão. Ele enlouquece.

“Não entendem que eu posso ver?”

Como sempre,
Bill

8 de julho
Jose Leal, 930 - Lima

Querido Allen:

Volto a Lima depois de uma viagem de ônibus de três dias. Nos últimos cinco dias em Pucallpa estive tentando

viajar, mas fui impedido pela chuva, pelas péssimas estradas e pelo avião completamente lotado.

O tenente da Marinha fez um *striptease* terrível com a armadura do seu uniforme. Todos gritavam: “Pelo amor de Deus, não tire!”. Começou a fazer o garçom de bobo, e quando passei por seu quarto esta manhã, correu para a porta, se mostrou de pau duro e disse: “Oi, Bill”. Até os outros peruanos ficaram envergonhados.

O vendedor de móveis queria entrar no negócio da cocaína, ficar rico, morar em Lima e ter um Cadillac rabo-de-peixe. Ah, Deus. As pessoas pensam que é só entrar em negócios escusos para ficarem ricas da noite para o dia. Não se dão conta que tantos os negócios escusos como os legítimos dão a mesma dor de cabeça fodida. E o velho alemão não parava de falar do tesouro.

Estavam me enlouquecendo com seu papo furado e suas estúpidas piadas em espanhol. Senti-me como Ruth entre o milho alheio. Quando disseram que a literatura americana não existe e que a literatura inglesa é muito pobre, perdi a paciência e respondi que a literatura hispânica devia estar na latrina, num prendedor, junto com velhos catálogos Montgomery Ward. Estava tremendo de raiva e me dei conta de como o lugar me deprimia.

Conheci um jovem dinamarquês e tomei yage com ele. Vomitou imediatamente e evitou-me depois disso: ele evidentemente achou que eu tinha tentado envenená-lo e que foi salvo apenas pela reação instantânea de suas higiênicas tripas escandinavas. Nunca conheci um dinamarquês que não fosse chato.

Uma terrível viagem de ônibus de volta a Tingo Maria, onde me embebedei e fui levado pra cama pelo mais bonito dos ajudantes de motorista de caminhão.

Atrasado por dois dias em Huanaco. Uma terrível lixeira. Passei o tempo perambulando e tirando fotos. Tentei pegar as montanhas cruas e secas, o vento nos

álamos empoeirados, os pequenos parques com estátuas de generais e cupidos e os índios recostados num especial abandono sul-americano, mascarando coca - que o governo vende em lojas controladas - e não fazendo absolutamente nada. Às cinco horas, tomei alguns drinques num restaurante chinês, onde o dono palitava os dentes e revisava as contas. Como são saudáveis e como esperam pouco da vida. Parecia um *junkie*, mas nunca se pode ter certeza com os chineses. Todos têm, basicamente, cara de drogado. Um louco entrou no bar e começou uma longa e incompreensível história. Tinha a cifra de dezessete milhões de dólares escrita nas costas da camisa e virou-se para mostrar-me. Então, seguiu adiante e fez a maior história com o proprietário. O dono continuou palitando os dentes. Não mostrou desdém, divertimento nem pena. Apenas palitava um molar, ocasionalmente tirando o palito da boca e olhando a ponta.

Passei por algumas das cidades mais altas do mundo. Têm um ar curioso e exótico da Mongólia ou do Tibete. Terrivelmente frio.

Por três vezes foi pedido a “todos estrangeiros” que saíssem do ônibus e se registrassem na polícia: número do passaporte, idade, profissão. Pura formalidade. Não havia sinal de suspeita ou interrogatório. O que fazem com esses registros? Usam como papel higiênico, espero.

Lima fria, úmida e deprimente. Fui ao mercado. Não há mais garotos lá. Fissurado para ir a um bar de que gostava, não havia ninguém que eu conhecesse, ou que quisesse conhecer. O balcão foi mudado, sem razão orgânica aparente, de um lado do lugar para outro - garçons diferentes, nada que eu queira ouvir na máquina de música. (Estou no bar certo?) Todos se foram e eu estou sozinho em lugar nenhum. A cada noite, as pessoas são mais feias, os móveis mais horríveis, os garçons mais estúpidos, a música mais irritante, mais e

mais, como um filme acelerado no vórtex da desintegração mecânica e da mudança sem sentido.

Encontrei um garoto que conheci antes de sair de Lima. Parecia *anos mais velho* (estive fora por seis semanas). Quando o vi pela primeira vez, ele não bebia, dizendo com um sorriso tímido:

“Eu ainda sou uma criança.”

Agora, estava bêbado. Cicatriz sob o olho esquerdo.

Toquei-a e disse: “Faca?”

Ele disse: “Sim” e sorriu, com os olhos vidrados e congestionados.

De repente, quis sair de Lima imediatamente. Essa sensação de urgência seguiu-me como o meu cu por toda América do Sul. Tenho que estar em algum lugar num tempo dado. (Em Guayaquil, tirei o cônsul peruano de casa depois do expediente para conseguir o visto e conseguir partir um dia antes.)

Onde vou com tanta pressa? Compromisso em Talara, Tingo Maria, Pucallpa, Guatemala, Cidade do México? Não sei. Tenho que partir já.

Amor,
Bill

10 de julho de 1953
Lima

Querido Allen:

Ontem à noite, tomei o resto da mistura de yage que trouxe de Pucallpa. Não adianta levá-la para os Estados Unidos. Não se conserva por mais do que alguns dias. Esta manhã, ainda viajando. Foi isso que aconteceu comigo. Yage é uma viagem espaço-tempo. O quarto parece sacudir e vibrar com movimento. O sangue e a

essência de muitas raças: negros, polinésios, mongóis da montanha, nômades do deserto, polígotes do Oriente Próximo, índios, novas raças ainda não determinadas e por nascer e combinações ainda não descobertas passam através do meu corpo. Migrações, incríveis viagens através de desertos, florestas e montanhas (marasmo e morte em estreitos vales montanhosos onde plantas brotam da pedra e enormes crustáceos eclodem e quebram a concha do corpo), através do Pacífico num catamarã para a Ilha da Páscoa. A Cidade Composta onde todos os potenciais humanos estão espalhados num vasto e silencioso mercado.

Minaretes, palmeiras, montanhas, florestas. Um lento rio onde pulam peixes defeituosos, enormes parques tomados pelo mato onde os meninos deitam na grama ou jogam. Nenhuma porta trancada na cidade. Qualquer um entra no seu quarto a qualquer hora. O chefe de polícia é chinês, palita os dentes e escuta as denúncias de um louco. *Hipsters* com os rostos macilentos e flácidos recostam-se nas portas, revirando cabeças encolhidas nas correntes de ouro, rostos inexpressivos com uma calma insetívora jamais vista.

Atrás deles, através da porta aberta, mesas e reservados, bares, quartos, cozinhas e banheiros, casais copulando em fila nas camas de latão, ziguezague de milhares de redes, *junkies* se picando, fumantes de ópio, fumantes de haxixe, pessoas comendo, falando, tomando banho, cagando numa névoa de fumaça e vapor.

Mesas de jogo onde são feitos jogos com apostas incríveis. De vez em quando, um jogador pula dando um grito inumano e desesperado por ter perdido a juventude para um velho ou por tornar-se latah para seu adversário. Mas há apostas mais altas que a juventude ou o latah. Jogos em que apenas dois jogadores no mundo sabem qual é a aposta.

Todas as casas da cidade são geminadas. Casas de barro com mongóis altos da montanha piscando nas portas enfumaçadas, casas de bambu e de teca, casas de adobe, pedra e tijolo aparente, casas do Pacífico Sul e de Maori, casas em árvores e casas em barcos, casas de trezentos metros de comprimento que abrigam tribos inteiras, casas de caixas velhas e ferro enferrujado onde os velhos vestidos de farrapos podres sentam falando sozinhos e cozinhando calor enlatado, grandes e enferrujadas bastes erguendo-se a trinta metros no ar, saindo dos pântanos e do lixo com perigosas repartições construídas sobre plataformas de vários níveis e redes balançando no vazio.

Expedições partem para lugares desconhecidos, com propósitos desconhecidos. Estranhos chegam em balsas de caixotes velhos amarrados com corda podre. Cambaleiam para fora da floresta, os olhos inchados das picadas de insetos. Descem pela trilha da montanha com os pés quebrados e sangrando através dos poeirentos e ventosos arredores da cidade, onde as pessoas cagam em fila ao longo das paredes de adobe e urubus brigam por cabeças de peixe; caem nos parques com pára-quedas remendados. São escoltados por um policial bêbado para se registrarem num enorme banheiro público. Os dados tomados são pendurados por um prendedor e usados como papel higiênico.

Os cheiros da cozinha de todos os países pairam sobre a cidade, uma névoa de ópio, haxixe, a fumaça resinosa e vermelha do cheiro de comida da floresta, sal, o rio podre, excremento seco, suor e genitais. Floresta de altas montanhas, jazz, *bebop*, instrumentos mongóis de uma corda, xilofones ciganos e gaitas árabes.

A cidade é visitada por epidemias de violência, e os mortos abandonados são comidos por urubus nas ruas. Não são permitidos funerais nem cemitérios. Albinos piscam ao sol, garotos sentam-se nas árvores

masturbando-se languidamente, pessoas atacadas por doenças desconhecidas cospem nos passantes, mordem-nos, jogam pus, cascas e vários tipos de vetores (insetos suspeitos de transmitir doenças), esperando infectar alguém.

Quando você fica completamente bêbado, acorda com um desses cidadãos doentes na sua cama, que passou toda a noite exaurindo sua ingenuidade tentando te infectar. Mas ninguém sabe como as doenças são transmitidas ou se são realmente contagiosas. Esses mendigos doentes vivem num labirinto de tocas sob a cidade e surgem de lugar nenhum, quase sempre se arrastando pelo chão de um bar lotado.

Seguidores de ocupações inimagináveis e obsoletas rabiscam em etrusco, viciados em drogas ainda não-sintetizadas, traficantes de harmina ensopada, *junk* reduzida ao simples vício de oferecer uma serenidade vegetal precária, líquidos para induzir o latah, antibióticos cortados, soro da longevidade titoniano, negociantes do mercado negro da Terceira Guerra Mundial, vendedores de remédios para a doença da radiação nuclear, investidores de infrações denunciadas por calmos e panorâmicos jogadores de xadrez, executores de ordens fragmentárias determinando inomináveis mutilações de espírito anotadas- em taquigrafia hebefrênica, burocratas de espectrais repartições, oficiais de estados policiais não-constituídos, uma anã lésbica que foi recém-operada, a ereção pulmonar que estrangula um inimigo adormecido; vendedores de cilindros de orgônio¹¹ e máquinas de relaxamento, corretores de sonhos fantásticos e memórias testadas em células sensibilizadas pela fissura e permutados pelos materiais crus da vontade; médicos treinados no tratamento de doenças dormentes na poeira negra das cidades em ruínas, acumulando virulência no sangue branco dos vermes sem olhos, sentindo

vagarosamente a superfície e os hospedeiros humanos, enfermidades do fundo do oceano e da estratosfera, enfermidades de laboratório e da guerra atômica, eliminadores da sensibilidade telepática, osteopatas do espírito.

Um lugar onde o passado desconhecido e o futuro emergente se encontram num zumbido vibrante e sem som. Entidades larvais aguardando algo vivo.

William Lee

[1](#) Cloridrato de metoclopramida, usado para enjoos. (N.E.)

[2](#) Composto de cloroquina, usada no tratamento da malária nas décadas de 40 e 50. (N.E.)

[3](#) Espécie de ônibus que se move sobre trilhos, bastante comum em alguns países da América Central. (N.E.)

[4](#) Programa apresentado pelo presidente norte-americano Henry S. Truman no seu discurso de posse de segundo mandato, em 1949, segundo o qual os Estados Unidos chancelaria planos de desenvolvimento em países da América Latina, que acabou não se concretizando. (N.E.)

[5](#) Departamento da Colômbia que faz fronteira com Equador e Peru. (N.E.)

[6](#) Inseticida obtido das raízes de várias plantas tropicais. (N.E.)

[7](#) Casa, imóvel. Em espanhol no original. (N.E.)

[8](#) Reuben Lucius Goldberg (1883-1970). Célebre cartunista norte-americano. Engenheiro por formação, inventava máquinas complicadíssimas que, entretanto, desempenham tarefas simples. (N.E.)

[9](#) Este foi o primeira “roteiro” de Burroughs, *Roosevelt after Inauguration* (Roosevelt depois da posse). A forma então tomou vida própria, como o idiota falante no *Naked Lunch*; as cartas subseqüentes para Ginsberg desenvolveram grande parte do material para aquele livro. “Roosevelt after Inauguration” foi impresso no *Floating Bear* nº 9; o editor, poeta Leroi Jones, foi preso por distribuir esse número através do correio oficial americano; depois de um ano de julgamento, Jones foi absolvido. (Nota da edição americana.)

[10](#) Edward Joseph Flanagan (1886-1948): padre católico norte-americano fundador do mais célebre orfanato dos Estados Unidos, Boys Town, no estado de Nebraska. (N.E.)

[11](#) Orgônio, segundo a teoria do psiquiatra e psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957), é a energia vital que pervade a natureza, perceptível sobretudo durante o orgasmo sexual (N.E.)

SETE ANOS MAIS TARDE (1960)

10 de junho de 1960
Estafeta Correo
Pucallpa, Peru

Querido Bill:

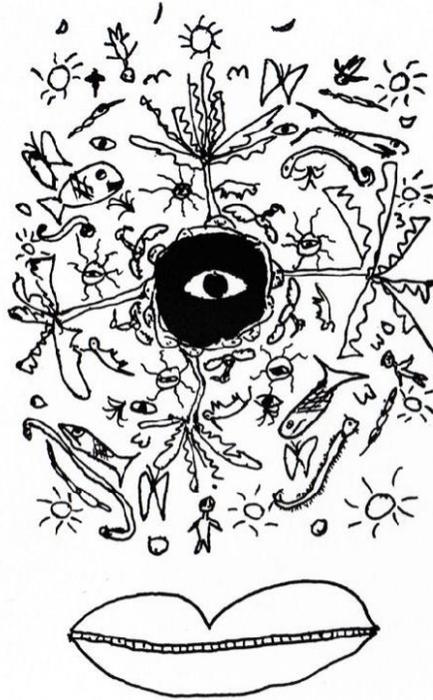
Ainda estou em Pucallpa, encontrei com um gordinho, Ramon P., que foi amigo de Robert Frank (fotógrafo do nosso filme) em 46 ou por aí. Ramon levou-me a seu *curandero*, no qual tem muita fé e sobre cujos poderes sobrenaturais de cura ele fala muito, demais até - é chamado o Maestro, um gato bem suave e simples, de uns 38 anos. Preparou a bebida para três de nós outra noite. Então, ontem à noite, assisti a uma sessão normal de bebidas do Curandeiro com outros trinta homens e mulheres numa cabana nos subúrbios florestais de Pucallpa, atrás de uma refinaria.

A primeira vez foi muito mais forte que a bebida que tomei em Lima; Ayahuasca pode ser engarrafada e transportada e mantém-se forte, se não fermentar - a garrafa precisa estar bem fechada. Tomei uma xícara: a mistura estava um pouco velha, tinha sido feita há muitos dias e um pouco fermentada também; deitei-me e depois de uma hora (numa choça de bambu, fora de sua cabana, onde ele cozinha) comecei a ver ou sentir o que pensei ser o Grande Ser, ou alguma de suas manifestações, aproximando-se da minha mente como uma grande e úmida vagina, onde fiquei por um tempo, a única imagem que posso recriar é de um grande buraco negro do Deus-Nariz, através do qual vi um mistério - e o buraco negro cercado por toda a criação, especialmente cobras coloridas - tudo real.

Me senti um pouco como o que esta imagem representa, a sensação é tão real.

O olho é uma imagem imaginária, que dá vida ao quadro. Também há uma sensação corporal de grande satisfação, nenhuma náusea. Durou, em fases distintas, umas duas horas - os efeitos desapareceram em três horas - a fantasia durou três quartos de hora depois de beber até mais ou menos duas horas depois.

Voltei e falei com o Maestro, dei-lhe 35 soles (1,50 dólar) por seus serviços e falei com ele sobre o peiote e o LSD - ele ouviu falar do peiote - é um mestiço que estudou em San Martin (território do Alto Huallaga) - deu-me amostras de suas misturas - usa a planta Ayahuasca jovem e cultivada no pátio, que mistura meio a meio com um catalisador conhecido como a "mescla", que é uma outra folha conhecida como *cahua* na língua índia Chama e localmente chamada por ele, em Pucallpa, de Chacrana. Disse que conseguiria mais amostras para eu levar para o Museu de História Natural de Lima para identificação. Cozinha as misturas juntas durante todo o dia, coa o caldo e dá um segundo cozimento às folhas. De qualquer forma, a preparação não é excessivamente secreta - acho que Schultz viu e conhece a preparação. Também se pode adicionar outras folhas de outras plantas, não conheço essas combinações para experimentar - ele pareceu interessado em drogas em geral, sério e nem um pouco mercenário - um bom sujeito - tem muitos seguidores aqui, faz curas físicas, sua especialidade.



Bem, encurtando a história, fui a uma sessão de grupo formal ontem à noite - dessa vez a mistura estava fresca e apresentada com todo o cerimonial, ele cantarolava (e assoprava fumaça de cigarro ou cachimbo) docemente sobre a xícara alguns minutos antes (xícara esmaltada, lembrei-me da tua xícara de plástico), então acendi um cigarro, dei uma baforada sobre a xícara e bebi. Vi uma estrela cadente - aerolito -, antes de entrar, e a lua cheia, e me serviu primeiro. Então deitei-me esperando sabe Deus que outra visão agradável, então começou a bater e então toda essa porra de cosmos despreendeu-se à minha volta, acho que foi a coisa mais forte e pior que já me aconteceu (ainda deixo em suspenso as experiências do Harlem, por serem Naturais. O LSD era a Perfeição, mas não penetrou tão profunda e terrivelmente). No início, comecei a me dar conta que a minha preocupação com os mosquitos e o vômito era idiota, já que era uma questão de vida ou Morte - Senti-me encarado pela Morte, minha caveira na minha barba

num catre no p3rtico, rolando para frente e para trás e finalmente parando, como que reproduzindo o último movimento que faço antes de estabelecer a morte real - senti náusea, corri para fora e comecei a vomitar, todo coberto de cobras, como um Serafim-Cobra, serpentes coloridas numa auréola ao redor do meu corpo, senti-me como uma cobra vomitando o universo, ou um jívoro [12](#) de cocar com dentes de cobra vomitando ao compreender o Assassinato do Universo - minha morte por vir - a morte de todos por vir - ninguém está preparado - eu não estou preparado - ao meu redor, nas árvores, o barulho desses animais espectrais, os outros bebedores vomitando (parte normal das sessões de Cura) na noite de sua horrível solidão no universo - vomitando sua vontade de viver, de ser preservado neste corpo, quase - Voltei e me deitei - Ramon veio suavemente como uma enfermeira (ele não tinha bebido, é uma espécie de ajudante para auxiliar os sofredores) e perguntou-me se estava bem e "*bien mareado*" (bem bêbado) - eu disse "bastante" e voltei para ouvir o espectro que se aproximava da minha mente. Toda a cabana parecia rajada de presenças espectrais, todas sofrendo transfigurações pelo contato com uma única coisa misteriosa que era nosso destino e que, mais cedo ou mais tarde, nos mataria - O *curandero* cantarolava uma melodia muito suave, simples, repetida e logo variada, uma espécie de alívio, sabe Deus o que significava - parecia algum ponto de referência que eu ainda não conseguia contatar - estava amedrontado e simplesmente fiquei deitado lá, com ondas e ondas de medo de morrer, pavor, rolando sobre mim mesmo até mal poder agüentar, não queria refugiar-me na sua rejeição como uma ilusão, porque era muito real e muito familiar - especialmente como se no ensaio da Morte do Último Minuto, minha cabeça rolava para frente e para trás no cobertor até parar numa posição de calma e

resignação sem esperança a sabe Deus que Destino - porque meu ser - senti-me uma alma errante completamente perdida - fora de contato com alguma coisa que parecia estar presente - finalmente tive a sensação que poderia encarar a Questão aqui e agora, escolher a morte e a entender - e deixar meu corpo para ser encontrado pela manhã - acho que com todos se lamentando - não pude suportar deixar Peter¹³ e meu pai tão sozinhos com medo de morrer já e então nunca arrisquei (se havia risco, talvez houvesse de alguma forma) também como se todos na sessão em contato radiotelepático central com o mesmo problema - o Grande Ser dentro de nós mesmos - Ao voltar dos vômitos, vi um homem com os joelhos encolhidos sobre o peito e pensei ver o raio X de seu crânio, me dei conta de que estava agachado lá como numa mortalha (com um mosquiteiro enrolado no rosto) sofrendo a mesma provocação e separação - Pensei em pessoas, vi suas imagens claramente, você misterioso, aparentemente sabe mais do que eu agora e por que você não se comunica, ou não pode, ou eu ignorei? Simon parece um anjo na sua aniquilação da vaidade e dando vida a crianças - "Se chegar alguma notícia interplanetária" ele disse, "serei o primeiro a transmiti-la pelo telégrafo para que não seja fodida." - Francine, sua mulher, um tipo de Anjo-Mulher, todas as mulheres (assim como todos os homens) iguais - criaturas espectrais colocadas aqui misteriosamente para viver, serem Deuses vivos e sofrerem a Crucificação da morte como Cristo, mas se perdem ou morrem na alma ou entram em contato e têm um novo nascimento para continuar o Processo de Ser (apesar de eles mesmos morrerem, ou não?). E eu perdido e o pobre Peter que depende de mim por algum Paraíso que não tenho, perdido - e continua a rejeitar mulheres que vêm me guiar - decidido a ter filhos de alguma forma, uma revolução na Alucinação, mas o

sofrimento era mais do que eu podia suportar e a idéia de um sofrimento mais profundo por vir me desesperou - senti-me, ainda me sinto, como uma alma perdida, cercada por anjos pregadores (Ramon, o Maestro, você, todo o Mundo Comum dos Mortos) - e minha pobre mãe morreu em Deus sabe que estado de sofrimento - Não posso agüentar - vomitei outra vez (Ramon veio e me disse que se tivesse que vomitar mais tarde, que o fizesse fora do pórtico onde estava deitado, uma situação bastante delicada). Quero dizer, este é um bom grupo - lembro-me que você disse para tomar cuidado com a visão de *quem* se tem - mas Deus sabe eu não sei a quem me voltar quando finalmente a Sorte tiver baixado espiritualmente e eu tiver que depender da minha própria memória de Ser-Serpente das Alegres Visões de Blake - ou depender de nada e entrar de vez - mas entrar no quê? - Morte? - e naquele momento - vomitando, sentindo-me ainda como um Grande e perdido Anjo-Serpente vomitando na consciência da Transfiguração por vir - com o senso radiotelepático de um Ser cuja presença ainda não senti completamente - tão terrível para mim, ainda aceitar o fato da comunicação total com, digamos, qualquer serafim eterno, macho e fêmea ao mesmo tempo - e eu, uma pobre alma perdida buscando ajuda - bem, vagorosamente a intensidade começou a diminuir, fiquei incapaz de me mover em qualquer direção, espiritualmente - sem saber quem procurar ou o que procurar - sem confiança para perguntar ao Maestro - apesar de que, na visão da cena, dentre todos era ele o guia espiritual local lógico a quem recorrer - levantei e sentei a seu lado (como Ramon sugeriu suavemente) para ser "assoprado" - isto é, ele cantarola para curar a tua alma e assopra fumaça - uma presença bastante confortadora, apesar de que agora o medo mais profundo tenha passado - ao passar de todo, levantei-me, peguei

um mosquiteiro que tinha trazido e fui para casa ao luar, com o gordo Ramon - que disse que quanto mais se satura de ayahuasca, mais fundo se vai - visitar a lua, ver os mortos, ver Deus - ver os espíritos das árvores etc.



É difícil voltar, tenho medo de alguma loucura real, um universo mudado, permanentemente, apesar de que acho que deve mudar para mim, algum dia muito antes do que planejado, subir o rio durante seis horas para tomar com uma tribo de índios - acho que vou - enquanto isso, esperarei mais uma semana em Pucallpa e tomarei mais algumas vezes com o mesmo grupo - eu gostaria de saber quem, se houver alguém, que trabalhe com quem saiba, se alguém souber, quem eu sou, ou o que eu sou. Gostaria de ter notícias suas. Acho que vou ficar aqui tempo suficiente para receber uma carta - escreva.

Allen Ginsberg

Se eu partir antes de duas semanas e a carta chegar, será prontamente remetida para mim em Lima, assim

terei notícias suas, mas quero saber de você, Bill, escreva, por favor, e me aconselhe no que puder, se puder. Não sei se estou ficando louco ou não, e é difícil encarar mais, mas acho que serei capaz de me proteger, tratando aquela consciência como uma ilusão temporária e voltar para a consciência normal temporária quando o efeito passar (começo a vislumbrar a Chamada do Vodou Haitiano), mas essa quase esquizofrênica alteração da consciência é apavorante - e também a sensação de não conhecer alguém com quem me abrir pessoalmente. Fiz arranjos para levar um pouco de volta a Nova York, mas quase tenho medo - não sou *curandero*, estou perdido e tenho medo de promover um pesadelo que não possa parar, como em Peter.

Não sei como tudo isso soa para você, mas me conhece razoavelmente bem, então me escreva rápido, por favor.

Tudo está OK, acho. Se tudo isso te preocupar desnecessariamente, estarei bem.

Amor,
Allen

P.S.: Há pouco, na livraria esta manhã, comprando esta caneta, ouvi o velho e nostálgico disco de Nelson Eddy, "Maytime", que costumava tocar na minha infância e era como uma lembrança da Morte, tão triste - "Você me amará para sempre?"

Atração suplementar - alguns fragmentos das notas do Éter que tomei há duas semanas em Lima, em escala menor.

O som ressoa envolvendo todos os sentidos
de tudo o que já foi Criado
todas as combinações se sucedem
sem fim, como antes -

Todas as possíveis Combinações do Ser – todas
as velhas: – todo o velho Hindu.
Universos sabahadabadi-plurálicos
ressoando em Grandiloqüente
Justaposição Barbuda
com todos seus minaretes e suas torres
iluminadas pela lua, enlaçados com ferro
ou bordados de porcelana,
tudo tem existido –
e os Sábios de
cabelos brancos que sentam de pernas cruzadas
sobre um leito feminino –
escutando qualquer música que viesse da floresta
ou da rua,
qualquer pássaro que assobiasse no mercado
qualquer nota que o relógio batesse para dizer
Tempo –
qualquer droga, ou ar, respiravam
para fazê-los pensar tão profundamente
ou escutar tão simplesmente o que
se tinha passado
como um carro cruzando uma rua de 1960
ao lado do Palácio do Governo
no Peru, nesta Lima,
no ano em que escrevo –

Um Buda como velho, com sirenes de
qualquer maquinaria fazendo ruídos ressonantes na
rua.

E a luz da rua refletida na janela da fachada da frente
da estação de trem num
sujo porto em Backwash
de tenebrosa olvidada
fabulosa, o que quer que seja
Civilização da Eternidade: –

com o relógio da estação ressoando meia-noite,
como agora,
e esperando pela 6ª,
para escrever uma palavra,
e terminar ao último repicar - lembre-se
este *um* doze foi soado
antes
e nunca mais; ambos.

e volto da sacada onde fiquei
olhando para a Cruz (com medo)
e as estrelas
pensando no BONG da meia-noite -
Sábios da Ásia, ou barbas brancas na Pérsia,
rabiscando nas margens de seus pergaminhos
em delicada tinta
recordando em lágrimas os antigos relógios de suas
cidades
e as cidades que foram - e
Afirmar com olhos sorridentes -
o mundo como o vemos,
macho e fêmea, passando
como passa através dos anos,
como passou antes e passará, talvez
com todas as suas incontáveis pérolas
E todos os sangrentos narizes da Eternidade -
e todos os velhos erros -
incluindo
a velha consciência, que já se viu
a si mesma antes - (daí o assobio de gafanhoto
de despertador antigo no meu tímpano)

Estou rabiscando
nadas,
página pós página do mais profundo
nada,

como rabiscou Antigo Hebe, quando
escreveu Adonoi ou Um -
tudo para divertir ou fazer dinheiro ou enganar -

Ó SINO DO TEMPO, SOAI VOSSA
MEIA-NOITE PELA BILIONÉSIMA
SOANTE VEZ, EU OUÇO NOVAMENTE!

[12](#) Jívaro ou jibaro: assim são chamados os indivíduos de povos que falam a língua shuar e habitam zonas tropicais nos Andes ou da baixa Amazônia no Equador e Peru. (N.E.)

[13](#) Peter Orlovski, companheiro de Ginsberg desde fins da década de 50. (N.E.)

21 de julho de 1960
Tempo Presente - Tempo Presentido
Cargo American Express
Londres, Inglaterra

Querido Allen:

Não há nada a temer. *Vaya adelante*. Olha. Escuta. Ouve. Tua consciência ayahuaski é mais válida que a “consciência normal”? “Consciência Normal” de quem? Por que voltar a ela? Por que está surpreso em me ver? Você está seguindo meus passos. Conheço vosso caminho. Sim, conheço a área melhor do que você pensa. Tentei contar a você mais de uma vez, comunicar o que sei. Você não ouviu, ou não conseguiu ouvir. “Não se pode mostrar a alguém algo que essa pessoa não viu.” Hassam Sabbah citado por Bryon Gysin.[14](#) Ouviu agora? Tire uma cópia desta carta. Corte ao longo das linhas. Rearrange e colocando a seção um no lugar da seção três e a seção dois no lugar da quatro. Agora leia alto e você ouvirá Minha Voz. A voz de quem? Ouça. Corte e rearrange em qualquer combinação. Leia alto. Não tenho escolha, a não ser ouvir. Não pense sobre isso. Não teorize. Experimente. Você quer “ajuda”. Aqui está. Aproveite. E lembre sempre: “Nada é verdade. Tudo é permitido”. As Últimas Palavras de Hassan Sabbah, o Velho Homem da Montanha.

ESCUTA MINHAS ÚLTIMAS PALAVRAS, QUALQUER MUNDO. ESCUTEM TODOS VOCÊS, JUNTAS SINDICAIS E GOVERNOS DA TERRA. E VOCÊS, PODEROSAS POTÊNCIAS ATRÁS DA IMUNDÍCIE COM A QUAL LIDAM, CONSUMIDOS EM QUAL LATRINA, PARA TOMAR O QUE NÃO É VOSSO. VENDER O CHÃO DE SEUS PÉS NÃO NASCIDOS. ESCUTEM. O QUE TENHO A DIZER É PARA TODOS OS

HOMENS EM TODOS OS LUGARES. EU REPITO A TODOS. NINGUÉM ESTÁ EXCLUÍDO. GRÁTIS PARA TODOS QUE PAGAM. GRÁTIS PARA TODOS QUE PAGAM COM DOR.

O QUE OS AMEDRONTOU A TODOS NO TEMPO? O QUE OS AMEDRONTOU A TODOS EM SEUS CORPOS? NA MERDA PARA SEMPRE? QUEREM FICAR AQUI PARA SEMPRE? ENTÃO ESCUTEM AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE HASSAN SABBAH. OUÇAM, VEJAM OU VAGUEM PARA SEMPRE. O QUE OS AMEDRONTOU NO TEMPO? NO CORPO? NA MERDA? EU DIREI. A PALAVRA. SUA PALAVRA. EM VOSSO COMEÇO HAVIA O VERBO. AMEDRONTOU-OS NA MERDA PARA SEMPRE. SAIAM PARA SEMPRE. SAIAM DA PALAVRA TEMPO PARA SEMPRE. SAIAM DA PALAVRA CORPO PARA SEMPRE. SAIAM DA PALAVRA MERDA PARA SEMPRE. TODOS FORA DO TEMPO E PARA O ESPAÇO. PRA SEMPRE. NÃO HÁ NADA A TEMER. NÃO HÁ NADA NO ESPAÇO. ISSO É TUDO, TUDO, TUDO, HASSAN SABBAH. SE EU FOSSE VOCÊS, CANCELAVA TODAS AS PALAVRAS PARA SEMPRE. E AS PALAVRAS DE HASSAN SABBAH EU TAMBÉM CANCELO. ATRAVÉS DE TODOS OS SEUS CÉUS, VEJAM A ESCRITA SILENCIOSA DE BRYON GYSIN HASSAN SABBAH. A ESCRITA DO ESPAÇO. A ESCRITA DO SILÊNCIO.

OLHE OLHE OLHE

AMIGOS MUCHACHOS A TRAVÉS DE TODOS SUS CIELOS VEA LA ESCRITURA SILENCIOSA DE BRYON GYSIN HASSAN SABBAH. LA ESCRITURA DE SILENCIO LA ESCRITURA DE ESPACIO. ESO É TODO TODO TODO HASSAN SABBAH.

VEA VEA VEA

Quando você volta? O método do *cut up* está explicado em *Minutes to Go*, que já está a venda nos States. Vou te mandar um exemplar, mas para onde? George Whitman disse para você procurar seu velho amigo Silvester de Castro na Cidade do Panamá. Está relacionado com a

sinfônica municipal e com a universidade. *Hasta la vista*, amigo.

O melhor,
William Burroughs
Por Hassan Sabbah

Adiante! Hassan Sabbah

P.S.: NINGUÉM DE SÃ CONSCIÊNCIA CONFIARIA NO “UNIVERSO”: ARRASTADOS PELO ENGANO, OS MILHÕES FICARAM SOB OS SINAIS. QUEM JÁ PAGOU UMA MARCA A UM CHINÊS; A UM MACACO; A UM ANIMAL HUMANO? NINGUÉM, EXCETO HASSAN SABBABH.

[14](#) Bryon Gysin: pintor inglês e colaborador e amigo de Burroughs em Tânger, que sugeriu que ele aplicasse as técnicas dos pintores do século 20 - a colagem - para escrever. *Naked Lunch* foi então terminado como uma colagem de histórias. Os panfletos “Minutes to go” (Two Cities Press, Paris, 1960) e “The Exterminator” (Auerham Press, San Francisco, 1960) foram preparados por Gysin, Burroughs, Gregory Corso e outros em exposição gráfica como resposta imediata às limitações temporais e fenomenológicas, através da técnica de colagem. (A.G.)

EPÍLOGO (1963)

San Francisco
28 de agosto de 1963

A quem interessar possa:

Autodecifra-se esta correspondência assim: a visão dos anjos-guias que meus companheiros homens e mulheres vislumbraram inteiramente pela primeira vez enquanto o *curandero* cantarolava com suavidade no estado de transe de 1960 foi a profética transfiguração da autoconsciência, da sensação de medo eterno da alma sem lar na encarnação do corpo sentindo felicidade real, atualizada em 1963.

Velho amor, como sempre,
Allen Ginsberg

ESTOU MORRENDO, MISTER?

Panamá grudado a nossos corpos - provavelmente cortado - Qualquer coisa fez este sonho - Consumiu os fregueses do orgasmo fóssil - Encontrei meu velho amigo Jones - Tão mal, esquecido, tossindo num filme dos anos 20 Vozes de Vaudeville vendem seu hálito doente da manhã na cama - Um Mambo idiota chafurdado de marcha a ré - Quase me sufoquei experimentando o hálito do garoto - Isto é Panamá - Carne nitrosa espalhada por tua voz e fim do receptor de rádio - Pássaros comedores de cérebro patrulham as ondas cerebrais de baixa frequência - Cartões postais esperando civis esquecidos "e são todos águas-vivas, *mister* - Foto da Cidade do Panamá - Cartão postal morto de heroína."

Mão triste retrocedendo o caminho do tempo - Cautela de penhora genital despida de suas gastas cuecas - Garoto fugaz no cinema rindo das minhas gastas cuecas - Sussurros de rua escura em Puerto Assis - O *mister* sorri através do vagabundo da vila - Orgasmo escorre num telegrama de volta: "Johnny sem calças". - (Aquele odor rançoso no amanhecer de verão na garagem - Trepadeiras retorcendo-se no ferro - Pés descalços em excremento de cachorro.)

Panamá grudado a nossos corpos de Las Palmas a David no doce cheiro canforado do paregórico cozido - Arrasou a república - O farmacêutico não tem sexta-feira - Espelhos panamenhos de 1910 selados em todas as farmácias - Ele desistiu, luz da manhã no café frio.

Junk continuou me enchendo o saco: "Bêbado a oeste de Saint Louis, eu *sabia* que você voltaria a roer o osso - Uma vez *junky*, sempre esponja e podre - eu *conheci* tua vida - Fissurado há quatro dias aqui."

Rança mesa de café - Sorrisinho de gato - Odor de dor e morte de sua doença no quarto comigo - Três fotos-souvenir da Cidade do Panamá - O velho amigo veio e ficou o dia todo - Cara comida por “eu preciso *mais*” - Tenho notado isso no Novo Mundo - “Vem comigo, *mister?*”

E Joselito mudou-se para Las Playas durante os essenciais - Enterrado neste lugar - Lagunas iridescentes, delta pantanoso, chamas de gás - Bolhas de gás de carvão ainda dizendo “A ver Luckies!” daqui a cem anos - Um balcão de teca apodrecido sustentado pelo equador.

“O brujo começou cantarolando um caso especial - Era como ir sob o éter para dentro dos olhos de uma cabeça encolhida - Entorpecido, coberto por camadas de algodão - Não sei se se você sacou minhas últimas dicas tentando vencer essa tontura entorpecida com caracteres chineses - Tudo o que eu quero é sair daqui - Rápido, por favor - Tomou conta de mim - Quantas tramas assim uma expedição botânica como esta teve que fazer para que pudesse se realizar? - Paisagens nas estradas de ferro - Estou morrendo através da tontura do vinho - Dizia sem parar: “Comissões transferidas para onde o Toldo se agita” “Lampejos em meus olhos, tua voz e o fim da linha.”

Aquele queixoso Panamá grudado a nossos corpos. Fui ao bar do Chico numa mofada cautela de penhor, esperando por uma cuba-libre num filme de 1920 - Carne nitrosa sob este *honky tonk*¹⁵ arrastado por tua voz: *Driving Nails in my Coffin* - Pássaros comedores de cérebro patrulham *Your Cheating Heart* - Cartão postal morto esperando um lugar esquecido - Leve concussão de filme de 1920 - Adolescente casual foi submetido a um processo especial - Noite na carne nua do garoto - Continuei tentando tocar enquanto dormia - “Velho truque de fotógrafo espere por Johnny - Aqui vai o

cemitério mexicano.” Na parede do mar encontrei um garoto de camiseta listrada vermelha e branca - Cidade P.G.[16](#) no lusco-fusco roxo - O garoto despiu sua gasta cueca arranhando a ereção - Chuva morna no telhado de ferro - Sob o ventilador do teto, ficou nu na cama - Corpos tocaram a película elétrica, chispas de contato zuniram - O ventilador sopra a jovem têmpera lavando a camiseta adolescente - O sangue cheira a vozes afogadas e ao fim da linha - Isto é Panamá - Triste filme flutua em ilhas de lixo, lagunas negras e pessoas-peixe esperando um lugar esquecido - fóssil *honky tonk* varrido por um ventilador de teto - Velho truque motográfico os desligou.

“Estou morrendo, *mister?*”

Relâmpagos em frente a meus olhos nus e sombrios - Vento podre do amanhecer no sono - Podridão da morte numa foto do Panamá onde o toldo se agita.

William Burroughs

[15](#) *Honky tonk*: originalmente um tipo de bar muito comum no sul dos Estados Unidos que servia bebidas alcoólicas para clientes da classe operária. Às vezes ofereciam a apresentação de alguma pequena banda de música e serviam como local de prostituição. Por extensão, o tipo de música tocada nesses lugares. (N.E.)

[16](#) Abreviação de *parental guidance*: classificação de filmes que podem ser vistos por menores apesar da recomendação de que sejam acompanhados pelos pais. (N.E.)

POSFÁCIO

O VINHO DAS VISÕES PRODIGIOSAS

Eduardo Bueno

Narcótico e alucinógeno dos índios das encostas únicas do leste dos Andes e do noroeste do Brasil, o yage (*Banisteriopsis caapi*) é conhecido por uma infinidade de nomes: yajé, caapi, kahi, natema, pinde e principalmente *ayahuasca* (ou *cayahuasca*, *aioasca*, *auasca*), como é chamado por algumas tribos brasileiras que o ingerem diariamente. Preparado com cipós da família das malpighiáceas, plantas escandentes de trinta metros ou mais, o yage é utilizado para desenvolver poderes telepáticos (os indígenas acreditam que, sob seu efeito, podem conversar com os animais), para auxiliar na busca de objetos perdidos ou para permitir a visão nítida de seres malévolos invisíveis causadores de doenças.

A área natural de distribuição do *Banisteriopsis caapi* se estende desde o sudoeste dos Estados Unidos até as regiões baixas da Bolívia. O rito do “vinho adivinhatório” – ou “vinho da alma”, “dos sonhos” ou “da morte” –, porém, concentra-se exclusivamente na zona do Amazonas e do Orinoco. O primeiro botânico a classificar o yage foi o inglês Richard Spruce – um dos mais brilhantes e audaciosos coletores de plantas da história da América do Sul. Em 1851, depois de quase ter morrido de malária e disenteria, ele pôde observar e participar de uma cerimônia de yage no alto rio Negro, na Amazônia brasileira, e classificou a planta com muita precisão.

Como seu livro *Notes of a Botanist on the Amazon and the Andes* só foi publicado em 1908, a primeira descrição do yage a ser amplamente divulgada foi a do geógrafo equatoriano Villavincencio, que em 1858 experimentou o

vinho e, ao contrário de Spruce, que passou bastante mal, descreveu extasiado seu “vão acima de lugares encantadores e maravilhosos”. Em 1923, a droga já era bastante conhecida e um filme das cerimônias indígenas de ingestão do “vinho da alma” foi apresentado na reunião anual da American Pharmaceutical Association.

Em 1928, o princípio ativo do yage foi identificado como sendo uma substância hoje conhecida como harmina - na época chamada de “telepatina”, “iageína” ou “banisterina”. Prepara-se o yage utilizando-se a parte inferior do caule, que é triturada com um pilão e misturada com água em grandes potes de barro. Da mistura resulta um líquido denso, marrom-esverdeado, de sabor amargo e desagradável.

Segundo Sangirardi Jr., autor do estudo *O índio e as plantas alucinógenas*, “ao ingerir a bebida mágica, o índio absorve também o espírito da planta, com todo seu encanto e poder. Retorna às origens ancestrais. Viaja até a aurora do mundo. E o mundo verdadeiro não é esse de todo dia, na taba e na floresta. A realidade está no mundo iridescente e nimbado de azul, povoado de fantasmas e revelações. O mundo que nasce da planta miraculosa...”

Ainda hoje no Brasil, principalmente em Rondônia, o yage - chamado de *ayahuasca* - é amplamente consumido. Em Porto Velho, a planta é o centro das atividades da sociedade União do Vegetal, que tem filial no Rio de Janeiro. Em suas reuniões, após beberem a droga, os fiéis têm visões multicoloridas.

A extinta revista americana *High Times*, especializada em drogas, não cansava de repetir que o yage, “a mais alucinógena de todas as drogas”, é “absolutamente legal e seu uso não implica nenhum problema judicial”.

BIBLIOGRAFIA

COELHO, Vera Penteadó. *Os alucinógenos e o mundo simbólico*. São Paulo: Edusp, 1976.

EMBODEN, William. *Narcotic Plants*. Nova York: Collier Books, 1979.

FURST, Peter. *Alucinógenos e cultura*. Lisboa: Ulisséia, 1976.

SANGIRARDI JR. *O índio e as plantas alucinógenas*. Rio: Alhambra, 1983.

STAFFORD, Peter. *Psychodelics Encyclopedia*. Berkeley: And/or Press, 1979.

Título original: *The Yage Letters*

Este livro foi publicado pela L&PM Editores em formato 14x21cm em 1984

Tradução: Bettina Becker

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre obra de Henri Rousseau, *O leão faminto* (1905), óleo sobre tela, coleção particular

Revisão: Bianca Pasqualini e Patrícia Yurgel

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G413c

2.ed.

Burroughs, William S., 1914-1997

Cartas do yage / William Burroughs, Allen Ginsberg ; tradução de Bettina Becker. - 2.ed. - Porto Alegre, RS : L&PM, 2013.

(Coleção L&PM Pocket Plus; v.611)

Título original: *The Yage Letters*

Apêndice

ISBN 978.85.254.2896-7

1. Burroughs, William S., 1914-1997 - Correspondência. 2. Ginsberg, Allen, 1926-1997 - Correspondência. 3. Burroughs, William S., 1914-1997 - Viagem - Amazonas, Rio, Região. 4. Ginsberg, Allen, 1926-1997 - Viagem - Amazonas - Rio, Região. 5. Escritores americanos - Correspondência. 6. Escritores americanos - Viagem - Amazonas, Rio, Região. I. Ginsberg, Allen, 1926-1997. II. Becker, Bettina. III. Título. IV. Série.

08-2955. CDD: 818

CDU: 821.111(73)-8

William S. Burroughs e Allen Ginsberg, 1963, 1975.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - Floresta - 90220-180

Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Em busca do yage \(1953\).](#)

[William Burroughs a Allen Ginsberg](#)

[Sete anos mais tarde \(1960\).](#)

[Allen Ginsberg a William Burroughs](#)

[A resposta de Burroughs](#)

[Epílogo \(1963\).](#)

[A quem interessar possa](#)

[Estou morrendo, mister?](#)

[Posfácio - Eduardo Bueno](#)

[O vinho das visões prodigiosas](#)